

Íris Antunes Ferreira Esteves

Exposição do Espaço Físico no Medo do Crime

Orientador: José de Almeida Brites

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2016

Íris Antunes Ferreira Esteves

Exposição do Espaço Físico e Medo do Crime

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Forense e da Exclusão Social, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 30 de Novembro de 2016, com o Despacho Reitoral n^a 347/16, com a seguinte composição de Júri:

Presidente: Professor Doutor João Pedro Oliveira
Arguente: Professor Doutor Carlos Alberto Poiares
Orientador: Professor Doutor José Brites

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2016

Agradecimentos

O espaço limitado desta secção de agradecimentos, seguramente, não me permite agradecer, como devia, a todas as pessoas que, ao longo do meu Mestrado em Psicologia Forense e da Exclusão Social me ajudaram, directa ou indirectamente, a cumprir os meus objectivos e a realizar mais esta etapa da minha formação académica. Desta forma, deixo apenas algumas palavras, poucas, mas um sentido e profundo sentimento de agradecimento.

Ao meu orientador, Professor Doutor José de Almeida Brites, fico agradecida por toda transmissão de conhecimentos e por todo o apoio nesta fase de elaboração da dissertação.

À minha mãe, onde que esteja, agradeço-lhe do fundo do coração por tudo. Agradeço-lhe por me ter ensinado que devemos lutar por aquilo em que acreditamos e ter força de vontade para fazer aquilo que queremos. Acredito que, quando tudo parecia difícil ou impossível, ela tenha estado ao meu lado para me orientar e dar forças.

Ao meu pai, por todo o apoio, por todas as vezes que me disse que ia tudo correr bem e por acreditar sempre em mim e nas minhas capacidades.

Ao meu irmão, que nunca refilou comigo por estar a falar sozinha enquanto escrevia a dissertação, que achou que estava a dar em doida mas que sempre me apoiou.

À minha família, pelo estímulo, pela paciência, pela compreensão, pela presença constante e ajuda preciosa. Sem eles acabar esta dissertação tinha sido muito mais difícil.

A todos meus amigos, que ouviram o meu desespero, vezes sem conta, sem nunca se queixarem, que me tentaram tirar de casa para respirar um pouco mas lembrando-me sempre que teria de voltar e dar o meu melhor e que não podia desistir independentemente das dificuldades.

A todos, obrigado, do fundo do coração.

Resumo

A presente investigação teve como objetivo principal avaliar a presença do risco e medo em espaços físicos abertos. Para tal, foi utilizado um protocolo de avaliação, previamente construído por Brites et al. (2004), constituído por questões sociodemográficas, por questões relacionadas com a história de vitimação do sujeito, um conjunto de 10 fotografias onde constam questões referentes à caracterização do espaço apresentado, usando como recurso um diferenciador semântico de 10 itens, por fim, aplicou-se o Índice de Medo do Crime (IMC) de Brites et al. (2004). Participaram 100 indivíduos, 40 do sexo masculino com uma média de idades de 36,33 anos (DP=11,85) e 60 do sexo feminino com uma média de idades de 30,55 (DP=9,65). Os principais resultados obtidos demonstraram que as mulheres, comparativamente aos homens, apresentam níveis mais elevados na dimensão Reações Fisiológicas do IMC. Porém quando comparados sujeitos mais novos e mais velhos, face ao medo do crime, não se verificaram diferenças entre os grupos, o mesmo se verificou quando foram comparados os sujeitos mais carenciados com os menos carenciados.

Palavras-Chave: sentimento de insegurança, medo do crime, espaço físico.

Abstract

The main objective of the following investigation is to evaluate the risk awareness and fear in open spaces. For this study it was used an evaluation protocol developed by Brites et al (2004), which comprises social, demographic and background questions of the subjects. It also, included 10 photos that contained questions that allowed to understand how the subjects characterized the spaces, using a semantic differentiator. In a later stage it was used the Fear of Crime Index de Brites et al. (2004). One hundred individuals participated in the study of which 40 were male averaging 36.33 years old (DP=11.85) and 60 female subjects with an average age of 30.55 (DP=9.65). The main results proved that women present higher levels in the dimension “physiological reactions of Fear of Crime Index. When comparing by age groups or social status, there was no significant differences.

Keywords: Feeling of insecurity; fear of crime; physical space

Lista de Abreviaturas

IMC – Índice de Medo do Crime

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

Índice

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	11
1- SENTIMENTO DE INSEGURANÇA.....	12
1.1 – Medo do Crime	14
1.2- Perceção do Risco de Vitimação	14
1.3 – Adoção de Comportamentos	15
2- OPERACIONALIZAÇÃO DO SENTIMENTO DE INSEGURANÇA	16
3 - EXPLICAÇÃO DAS VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS NO SENTIMENTO DE INSEGURANÇA E NAS SUAS COMPONENTES	19
3.1- Género	19
3.2 - Idade.....	19
3.3–Escolaridade e Posição Social	21
3.4 –Etnia.....	21
3.5–Vitimação direta e indireta	22
4 - SENTIMENTO DE INSEGURANÇA, MEDO DO CRIME E A CIDADE.....	23
5 - EXPLICAÇÃO ECOLÓGICA DO SENTIMENTO DE INSEGURANÇA	24
5.1- Background do Modelo Ecológico	24
5.2 - Hipótese das Incivilidades/Desordens	25
5.3– Teoria Signal Crimes.....	27
5.4 –Teorias dos Ambientes Seguros e Ameaçadores.....	27
5.4.1–Falta de perspetiva, locais para o ofensor se esconder e fuga bloqueada.....	28
5.4.2–Falta de Luminosidade.....	28
5.4.3–Novidade/Mistério	29
Capítulo II – Método	31
1 – Objetivos e Hipóteses de Investigação	32
2- Caracterização da Amostra	32
3 –Instrumentos	33
4 – Procedimento	34
Capítulo III – Resultados	36
1 - Análise dos Resultados	37
2- Discussão dos resultados	47
CONCLUSÃO.....	49
BIBLIOGRAFIA	47
ANEXOS.....	I

Índice de Tabelas

Tabela 1: Caraterização sócio-demográfica da amostra total, por género.....	32
Tabela 2: Caraterização do tipo de crime do qual foi vítima, por género.....	37
Tabela 3: Caracterização da frequência do crime, por género	38
Tabela 4: Caracterização do local, por género.....	39
Tabela 5: Classificação do espaço, por género.....	40
Tabela 6: Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 1, por género.....	41
Tabela 7: Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 2, por género.....	41
Tabela 8: Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 3, por género.....	42
Tabela 9: Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 4, por género.....	42
Tabela 10: Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 5, por género.....	43
Tabela 11: Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 6, por género.....	43
Tabela 12: Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 7, por género.....	44
Tabela 13: Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 8, por género.....	44
Tabela 14: Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 9, por género.....	44
Tabela 15: Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 10, por género.....	45
Tabela 16; Diferenças de média e desvio padrão nas dimensões e nota total do Índice do Medo do Crime, por género.....	45
Tabela 17: Diferenças de média e desvio padrão nas dimensões e nota total do Índice do Medo do Crime, por sujeitos mais novos e sujeitos mais velhos.....	46
Tabela 18: Diferenças de média e desvio padrão nas dimensões e nota total do Índice do Medo do Crime, por sujeitos mais e menos carenciados.....	46

Introdução

A presente dissertação, apresentada no âmbito do Mestrado em Psicologia Forense e da Exclusão Social, pretende avaliar a exposição ao medo do crime através da caracterização do espaço físico. Quando falamos em medo do crime temos obrigatoriamente de falar do sentimento de insegurança, assim, de acordo com as teorizações realizadas até hoje pela comunidade científica, o sentimento de insegurança manifesta-se em três dimensões: o medo do crime (dimensão emocional), o risco percebido (dimensão cognitiva) e a adoção de comportamentos de segurança (dimensão comportamental), (Agra, 2007). Os estudos efetuados sobre esta temática têm-se focado, principalmente, na procura de explicação das dimensões constituintes do sentimento de insegurança. Nesta tentativa de explicação, têm sido estudados vários modelos de explicação onde se incluem variáveis sociodemográficas (sexo, idade, anos de escolaridade) e a vitimação (direta e indireta), modelos que se debruçam sobre as variáveis contextuais ou ambientais que podem desencadear sentimento de insegurança, tais como a falta de luminosidade, a presença de incivildades ou desordens e locais não familiares.

A escolha do tema supracitado, não obstante ser um assunto com o qual nos confrontamos no nosso dia-a-dia, enquanto cidadãos, é, antes de mais, do interesse de qualquer membro da sociedade.

Após uma delimitação da abordagem teórica que realizámos, tentaremos responder às seguintes hipóteses: são as mulheres que apresentam mais medo de ser vítimas de crime em comparação aos homens? Serão os sujeitos mais velhos que apresentam um nível de medo do crime mais elevado? Os sujeitos mais carenciados apresentam níveis mais elevados de medo do crime?

Esta dissertação é constituída por três capítulos, sendo a primeira dedicada ao enquadramento teórico sobre o fenómeno em estudo. A este nível, começamos por abordar a questão do sentimento de insegurança e as suas componentes, é também abordada a questão sobre a operacionalização das mesmas, ou seja, de que maneira é que o sentimento de insegurança é avaliado em determinado país. Neste primeiro capítulo também foram referidos alguns modelos que tentam compreender o sentimento de insegurança e as suas componentes. O segundo capítulo é dedicado ao estudo empírico realizado, sendo apresentado o objetivo e hipóteses de investigação, a caracterização da amostra recolhida, o instrumento utilizado e os procedimentos levados

a cabo. O terceiro capítulo desta dissertação é dedicado à apresentação e discussão dos resultados. Por fim temos a conclusão do presente estudo, onde se pretende identificar as principais aprendizagens que esta investigação proporcionou e confrontá-las com a literatura científica da área. De seguida refletimos sobre as limitações centrais que reconhecemos no nosso trabalho e terminamos sinalizando pistas que acreditamos serem pertinentes explorar em futuras investigações.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1- Sentimento de insegurança

A nível internacional o sentimento de insegurança surgiu, como fenómeno de preocupação, na década de 60 (Lab, 2013). A nível nacional emergiu na década de 90 (Machado, 2004) e foi a partir desta altura, que se iniciaram várias investigações que procuraram perceber não só o que é o sentimento de insegurança mas também encontrar formas de o explicar. Considera-se, assim, importante perceber o que é este constructo, como se constituiu e como tem sido explicado.

Segundo Agra e Kuhn (2010), o fenómeno da insegurança envolve duas dimensões: a insegurança objetiva e a insegurança subjetiva. A primeira diz respeito ao crime, à vitimação e aos comportamentos desviantes (Agra & Kuhn, 2010) tais como a violência, delinquência juvenil, vandalismo, desordens urbanas e as incivilidades (Agra, 2007). A insegurança subjetiva diz respeito à percepção do perigo que os indivíduos fazem do meio em redor (Guedes, Cardoso, & Agra, 2012), esta apresenta-se através do sentimento de insegurança e expressa-se em dimensões cognitivas e afetivas (Agra & Kuhn, 2010). Seguindo a mesma linha de pensamento, alguns autores (Machado & Agra, 2002; Winkel, cit in Amerio & Roccato, 2007) acreditam na existência de uma dimensão afectiva e de uma dimensão cognitiva do sentimento de insegurança. A dimensão afectiva é considerada uma reação emocional negativa que surge da ideia de se ser vítima de algum tipo de crime ou perante símbolos que possam estar associados ao crime (LaGrange & Ferraro, 1987). A componente cognitiva diz respeito à percepção do risco de vitimação, isto é, a antecipação da probabilidade de ser vítima de um crime (Amerio & Roccato, 2007; Machado & Agra, 2002).

Fustenberg (cit in Wyant, 2008) é o nome que surge se remontarmos à primeira tentativa de desconstrução do sentimento de insegurança. Este autor afirmou que existem duas reações psicológicas face ao crime: o medo e a preocupação. O medo é considerado uma sensação de agitação ou ansiedade, que pode ser experienciada no momento do perigo real ou uma reacção a um perigo potencial. Já a preocupação, Fustenberg considerou-a um estado de agitação em relação aos actos criminais no país onde se reside.

Segundo Robert (2002), o risco de ser vítima é o principal factor que desencadeia o medo, sendo que a vulnerabilidade dos indivíduos, seja maior ou menor, revela-se fundamental. Já a preocupação considerou que está, muitas vezes, relacionada com a situação económica e a taxa de desemprego.

Boers (2003) afirma que o medo do crime é apenas umas das várias atitudes que se pode ter face ao crime, mais concretamente é uma resposta emocional. Daí este autor distinguir as atitudes pessoais e as atitudes sociais. Um indivíduo pode apelar a uma maior punitividade ou pode julgar o aumento do crime como sendo um grave problema para a sociedade (atitude social), por outro lado, pode não se sentir pessoalmente inseguro ou ameaçado (atitude pessoal).

Já Madriz (1997), no que diz respeito às reações face ao crime, sugere um modelo tripartido que engloba uma componente atitudinal, referindo-se a comportamentos que têm como objetivo prevenir o encontro com o crime. Porém, engloba também o medo e a probabilidade do risco de vitimação. Para Gabriel e Greve (2003), devemos perceber o sentimento de insegurança como algo multidimensional, que é constituído pelas dimensões afetivas, cognitivas e comportamentais.

Em 1999, Skogan refere que a investigação feita até à data sobre o sentimento de insegurança, tem conceptualizado este constructo de quatro formas: preocupação com o crime, avaliação do risco de vitimação, ameaça do crime e comportamento medroso. Segundo este autor, a preocupação encaminha-se para as avaliações que o indivíduo faz em relação à extensão do crime, sendo este um problema grave na sociedade. Ou seja, o indivíduo faz um julgamento sobre a frequência ou seriedade do crime. O risco de vitimação é a probabilidade de ser vítima de um crime e, por último, a ameaça do crime enfatiza o potencial de dano que o indivíduo sente, que a criminalidade tem para ele.

Jackson (2005), inspirando-se no trabalho desenvolvido por Ferraro (1995), construiu um modelo de inquietação com o crime, *“Worry About Crime Model”*, recorrendo a uma perspetiva psicológica. Este modelo, por um lado, compreende a inquietação como uma avaliação emocional de uma situação imediata, onde o sujeito interpreta os elementos do ambiente que podem significar um sentido de possibilidade e ameaça. Por outro lado, compreende a inquietação como um estado antecipatório que envolve uma preocupação com o perigo potencial, a preocupação com uma ameaça iminente ou um evento ainda por acontecer. Este autor conclui que a inquietação sentida pelo indivíduo face ao crime é moldada por uma avaliação da ameaça que envolve percepções de probabilidade, controlo e consequências.

Até agora, verificou-se que o sentimento de insegurança é constituído por três componentes fundamentais: o medo do crime, que é a componente afetiva/emocional, o

risco de vitimação, componente cognitiva, e, por fim, a componente comportamental, que se manifesta em três tipos de comportamento: evitamento, protecção e autodefesa.

Considera-se importante focar-nos em cada uma destas componentes de forma mais pormenorizada.

1.1 - Medo do crime

No que se refere ao medo do crime, são vários os autores que o associam apenas a uma componente emocional. Segundo Garofalo (cit in Doran & Burgess, 2012), o medo do crime é uma reacção emocional normalmente caracterizada pela presença de perigo e ansiedade capaz de produzir uma ameaça ou dano para o indivíduo.

Para Ferraro e Lagrange (cit in Lab, 2013), o medo do crime é uma reacção emocional negativa que deriva do crime propriamente dito ou de símbolos que o indivíduo lhe associa. Consideram o medo do crime como uma reacção negativa que é desenvolvida a partir da vitimação pessoal ou de vitimações dos outros. Também para estes autores, o medo do crime é uma resposta emocional e não cognitiva.

Warr (2000) considera que o problema das definições do medo do crime, avançadas na literatura, não distingue percepção, cognição e emoção. Este autor refere que “o medo não é uma percepção do meio ambiente, mas uma reacção ao ambiente percebido” (p.453). Afirma que o medo do crime pode resultar de um processamento cognitivo ou de uma avaliação da informação percetual. Warr (2000) descreve a sua definição de medo do crime:

“(...) o medo é uma emoção, um sentimento de alarme ou pavor, causado pela consciência ou expectativa de perigo” (...) “Este estado afetivo é ordinariamente (apesar de não invariavelmente) associado a certas mudanças fisiológicas, incluindo o aumento de ritmo cardíaco, respiração rápida, transpiração, diminuição de salivação aumento da resposta galvânica da pele” (pp. 453-454).

1.2- Percepção do risco de vitimação

O medo do crime e a percepção do risco de vitimação são conceitos que se relacionam entre si, mas que devem ser trabalhados separadamente. Como referido anteriormente a percepção do risco de vitimação difere do medo do crime porque, ao contrário deste, não é uma emoção, mas sim uma avaliação cognitiva da realidade. O

risco é entendido como uma avaliação cognitiva da segurança ou do perigo de vitimação (Mesch, 2000). De acordo com Ferraro (1995), o risco percebido é o reconhecimento de certas situações ou locais como potenciais ameaças ao perigo ou vitimação.

O medo do crime também difere do risco de vitimação no sentido em que estas duas variáveis são afetadas de forma diferente por características sociais e demográficas (Mesch, 2000). Outros autores (Chiricos, Hogan & Gertz, 1997 cit. Mesch, 2000), chegaram à conclusão que os efeitos das características sociais e demográficas no medo do crime são quase mediados pela percepção do risco.

1.3- Adoção de comportamentos

A componente comportamental do sentimento de insegurança reflecte-se no que o indivíduo faz face ao medo do crime ou ao risco percebido.

Os comportamentos manifestam-se em dois padrões: por um lado, o indivíduo evita certos locais e situações que possam estar associados ao crime; por outro, o indivíduo protege-se e toma medidas preventivas caso se encontre em locais e situações onde exista probabilidade de ocorrer um crime (Liska, Sanchirico & Reed, 1988). Relativamente ao primeiro comportamento, este implica que as pessoas que têm medo do crime apenas se desloquem em áreas que consideram seguras, evitando locais na cidade que consideram inseguros. A adopção dos comportamentos de protecção envolve situações como comprar armas, fechaduras e alarmes de segurança, ter cães de guarda, assim como aprender a defender-se (DeFronzo, Gordon & Riger, cit in Liska et al., 1988).

Ferraro (1995) também agrupou estes comportamentos face ao medo do crime em dois: os comportamentos defensivos (exemplo: instalação de sistemas de segurança, cães de guarda) e os comportamentos de evitamento (exemplo: evitar certas áreas). Já Fustenberg (cit in Skogan, 1999) tinha distinguido duas categorias de comportamentos: de evitamento e de mobilização.

2- A operacionalização do sentimento de insegurança

Considera-se relevante perceber, segundo a literatura científica, como é que as variáveis constituintes do sentimento de insegurança (medo do crime, risco percebido e adoção de comportamentos) têm sido operacionalizadas.

Parece existir uma consistência no modo como o sentimento de insegurança tem sido medido (Ferraro, 1995). Desde os anos 60 que são aplicados inquéritos de vitimação que tentam medir o nível e extensão do sentimento de insegurança (Barker & Crawford, 2006). Porém, para Hale (1996), há uma confusão ao nível teórico no que concerne ao significado e medição deste constructo pois, afirma, os inquéritos não distinguem a avaliação do risco e o medo do crime.

O medo do crime tem sido medido de forma global, ou seja, não faz referência a nenhum crime específico, nomeadamente: “Quão seguro se sente quando está sozinho no seu bairro depois de escurecer?” (Baumer, Kennedy & Krahn cit. Jackson, 2004). Relativamente à perceção do risco de vitimação, esta tem sido medida através de uma classificação de probabilidade dos indivíduos serem vitimados, segundo uma escala que varia de “nada provável” a “muito provável”. Por exemplo, são questionados para classificar o “Quão provável será a sua casa ser assaltada?” (Skogan, 1999). Por sua vez, na adoção de comportamentos é perguntado aos sujeitos o que fazem em relação à insegurança que sentem. Assim, o enfoque desta definição não é cognitiva mas sim atitudinal. O medo é, deste modo, avaliado pela frequência de adoção de comportamentos (Skogan, 1999).

Os inquéritos são os instrumentos mais utilizados para a medição das componentes do sentimento de insegurança (insegurança subjetiva) e permitem obter dados como o volume (percentagem de indivíduos que se sentem inseguros) e a estrutura (características das populações que se sentem inseguras). Existem os inquéritos internacionais (*International Crime Victims Survey*) e os inquéritos europeus (*European Crime and Safety Survey*). Portugal foi um dos países que participou no *International Crime Victims Survey* (ICVS) em 2000 e 2005 e no *European Crime and Safety Survey* (EU ICS) em 2005.

A operacionalização das componentes do sentimento de insegurança tem sido discutida e criticada por diversos autores (Bernard, 1992; Hale, 1996; LaGrange e Ferraro, 1987). Assim, vejamos as críticas que têm sido realizadas. Uma das críticas que mais surge na literatura é o facto de o sentimento de insegurança ser medido de forma unitária com a questão “*Quão seguro se sentiria se andasse sozinho no seu bairro à*

noite”(Farrall et al., 1997; Gray et al., 2008). Esta medida não refere tipos específicos de crime, algo que, segundo alguns autores, é fundamental para a medição do sentimento de insegurança (Ferraro & Lagrange, cit. Williams, McShane & Akers, 2000; Jackson, 2004; Franklin, Franklin & Fearn, 2008). Por outro lado, esta operacionalização não tem em conta a complexidade do sentimento de insegurança – que abrange várias componentes – e, de acordo com Gray e colaboradores (2008) sobrestima os níveis de medo. Além disso, para Jackson (2004), a forma de operacionalização do sentimento de insegurança que tem sido usada pela comunidade científica não permite analisar a frequência e intensidade deste fenómeno. Outra crítica que tem sido apontada é o facto de aquele tipo de questões medirem o risco percebido (dimensão cognitiva) e não o medo do crime (dimensão emocional) (Jackson, 2004; Franklin et al., 2008).

Face às críticas enunciadas, alguns autores têm desenvolvido novas medidas para operacionalizar o sentimento de insegurança, de forma a aumentar a validade das mesmas (Jackson, 2004; Farrall & Gadd, 2004; Williams et al., 2000; Gray et al., 2008). Recentemente, alguns autores tentaram melhorar a medição do sentimento de insegurança através do projeto *Experience and Expression in the Fear of Crime*” (Farrall, 2007). Este projeto pretendia aumentar a validade na medição do medo do crime, propondo o uso de metodologias qualitativas e quantitativas. Mais especificamente, os autores procuraram explorar a componente emocional do medo do crime, fazer referência aos vários tipos de crime e proporcionar um período de tempo específico (Farrall, 2007). Por exemplo, uma das questões que se sugeriu colocar foi “*No último ano, sentiu-se realmente preocupado com ser assaltado?*”, apenas se as pessoas responderem que sim, é que se coloca uma questão relacionada com a frequência: “*Quão frequentemente se sentiu assim no ano passado?*” e, além disso, uma questão acerca da intensidade: “*Na última ocasião, quanto medo sentiu?*” (Barker & Crawford, 2006). Para operacionalizarem estas novas estratégias, os autores incluíram estas medidas no *British Crime Survey* (questionário específico para Inglaterra e País de Gales).

Segundo Jackson (2005), têm havido mudanças importantes na comunidade científica no que diz respeito à medição do sentimento de insegurança e às suas componentes. Considera ainda que uma das mudanças mais importantes é a distinção entre medo do crime e risco percebido.

Em suma, o sentimento de insegurança é um conceito multidimensional e complexo, que se manifesta de diferentes formas: emocionalmente (medo do crime), cognitivamente (risco percebido) e comportamentalmente (comportamentos de evitamento, proteção e autodefesa). Assim sendo, é essencial distinguir estas componentes aquando da sua operacionalização.

3- Explicação das variáveis sociodemográficas no sentimento de insegurança e nas suas componentes

A comunidade científica tem avançado diversas variáveis que procuram explicar o sentimento de insegurança e as suas componentes. Estas variáveis integram-se em modelos explicativos que dão ênfase a diferentes níveis, desde o individual ao social. Os modelos sociodemográficos têm dominado a investigação do sentimento de insegurança, examinando as características dos indivíduos que estão relacionadas com aquele, como o género, a idade, a escolaridade e a vitimação (Hale, 1996; Rader et al., 2007).

Consideremos, assim, aos resultados dos estudos que se têm debruçado sobre a explicação do sentimento de insegurança e das suas dimensões.

3.1- Género

De acordo com Hale (1996), o género é a variável preditora do sentimento de insegurança mais estudada na literatura.

Consistentemente, os estudos desta área têm demonstrado que as mulheres são o grupo que apresenta mais medo de ser vítima de crime (Lab, 2013, Reid & Konrad, 2004; Rader et al., 2007; Machado & Agra, 2002), antecipam um maior risco de vitimação (LaGrange & Ferraro, 1987) e adoptam mais comportamentos de evitamento, protecção e defesa (Stanko cit in Madriz, 1997). Porém, parece existir uma discrepância no sentido em que as mulheres têm um risco objectivo de vitimação inferior em relação aos homens. Esta discrepância tem sido alvo de diversos estudos tendo sido designada por “*paradoxo medo-vitimação*” (Thompson & Norris, cit in Machado & Agra, 2002). Ou seja, quando se analisam as taxas de criminalidade e os inquéritos de vitimação, concluiu-se que as mulheres têm menos probabilidade de serem vítimas mas têm níveis mais elevados de medo do crime. Esta discrepância é explicada pela vulnerabilidade física das mulheres e pelo medo dos crimes sexuais e crime de violência doméstica (Rader et al., 2007).

3.2- Idade

No que diz respeito à idade, a maior parte dos estudos realizados têm sido consistentes na ideia de que os sujeitos mais idosos têm mais medo do crime comparativamente aos sujeitos mais novos (Skogan, 1987, Stafford & Gale cit. in Hale, 1996; Weinrath & Gartrell cit.in Ziegler & Mitchell, 2003). Contudo, existem alguns

estudos que não encontraram diferenças entre grupos de idades (Pain, 2000) e ainda, outros autores que revelam existir um menor medo do crime nos mais idosos comparativamente aos sujeitos mais novos (Chadee & Ditton, 2003).

Em relação à idade, também parece existir uma discrepância, já que os mais novos têm uma probabilidade de vitimação superior em relação aos idosos. Igualmente neste caso, o paradoxo tem sido explicado pela tese da vulnerabilidade. Ou seja, os indivíduos mais idosos têm uma fragilidade física mais elevada, uma baixa capacidade de resistência e, além disso, apresentam maior vulnerabilidade percebida que se manifesta, por exemplo, no isolamento. Por outro lado, os investigadores referem que esse medo pode não estar relacionado com uma distorção da avaliação do risco, mas sim, com uma antecipação das consequências de ser vítima de crime (Skogan, 1999).

Para LaGrange e Ferraro (1989), o medo do crime na população mais idosa tem sido sobrestimado. No seu estudo, estes dois autores, apresentaram como hipótese os resultados serem diferentes de acordo com a utilização de medidas diferentes. Assim, através do uso da questão *“Como se sente ou como se sentiria quando sai à noite sozinha no seu bairro”*, verificou-se que as mulheres mais velhas reportaram mais medo do que as mulheres mais novas. Além disso, não houve diferenças na idade para a amostra dos homens através desta medida do medo do crime. Porém, quando se questionou sobre o medo para diferentes tipos de crimes, os resultados foram distintos. Com efeito, na análise dos 11 crimes, os jovens adultos (18 a 29 anos) relataram níveis elevados de medo do crime, enquanto os adultos de meia-idade (46 a 64 anos) reportaram menos medo. No caso do medo do crime de assalto a habitação, verificou-se que os indivíduos com idades superiores a 65 anos tinham níveis mais baixos de medo do crime.

Ziegler e Mitchell (2003) realizaram um estudo onde compararam o medo do crime nos sujeitos mais novos e nos mais idosos no contexto de exposição ao crime violento. A exposição ao crime foi manipulada através da encenação de vídeo de um assalto à habitação. Os autores colocaram a hipótese de que o grupo experimental (visualização do vídeo de crime violento) iria despoletar níveis mais elevados de medo em relação ao grupo de controlo, e, além disso, que os efeitos da idade iriam variar de acordo com a questão perguntada. Os investigadores concluíram que a visualização do vídeo produziu classificações de medo mais elevadas, porém, este efeito foi seletivo. Efetivamente, o vídeo apenas afetou os indivíduos mais novos. Assim, verificou-se que os indivíduos mais velhos, ao contrário do que se constata normalmente na literatura,

reportaram, de forma significativa, menos medo do que os indivíduos mais novos. Além disso, reagiram de forma menos negativa ao vídeo que visualizaram em relação aos mais novos.

Num estudo realizado por Gomme (1988), chegou-se à conclusão de que apesar de a idade ser um preditor significativo do medo do crime, a direção da relação no seu estudo foi oposta à que se tinha colocado em hipótese: os indivíduos mais novos foram os mais medrosos em relação aos indivíduos mais velhos da amostra.

Pode então concluir-se, que os resultados acerca da relação entre o medo do crime e a idade são mistos, não se podendo afirmar, de forma consistente, que os indivíduos mais idosos são os mais medrosos.

3.3- Escolaridade e Posição Social

Os estudos têm demonstrado que existe uma relação negativa entre o medo do crime e a escolaridade, o que quer dizer que os indivíduos com menos escolaridade têm mais medo do crime (Lab, 2013).

A maior parte dos estudos, no que diz respeito ao medo do crime e posição social, ou nível socioeconómico, indicam que os indivíduos mais carenciados apresentam níveis mais elevados de medo do crime (Balye & Zingraff, cit in Hale, 1996). Estes sujeitos apresentam uma maior vulnerabilidade económica e uma maior dificuldade em protegerem-se, o que resulta numa incapacidade de desenvolverem estratégias preventivas, tais como evitar contextos perigosos (Hale, 1996; Machado & Agra, 2002). Os estudos também indicam que a população que vive em meio urbano apresenta maiores níveis de medo do que comparativamente à população em meio rural (Lab, 2013).

Segundo Roché (1993) existe um modelo explicativo que assenta na hipótese de que a crise económica é também responsável pelo aumento da criminalidade e violência. Este modelo preocupa-se, principalmente, na desagregação das solidariedades sociais resultantes da crise económica. O aumento do desemprego e o desemprego de longa duração provocam situações de pobreza e exclusão social, levando a uma diminuição da qualidade de vida. A pobreza está desta forma associada ao perigo, ao crime e ao medo, sendo que as classes sociais mais desfavorecidas são aquelas que habitam em locais mais “perigosos” (Matias & Fernandes, 2009).

É também referido na literatura existir o reconhecimento de certos indivíduos responsáveis de levar o medo para a cidade, estes são considerados elementos perigosos

e pertencem a grupos marginalizados (Fernandes & Carvalho, 2000). Em Portugal, são descritos como figuras de medo os indivíduos de grupos minoritários, como ciganos e africanos (Machado & Manita, 2001).

3.4- Etnia

No que diz respeito ao factor da etnia, é importante salientar que a maior parte dos estudos foram realizados nos Estados Unidos da América. Estes estudos concluíram que as populações pertencentes a minorias étnicas são mais inseguras, dado que existe uma maior probabilidade de serem vitimadas. Normalmente, estas comunidades são carenciadas em termos sociais, existindo uma elevada presença de incivilidades e são regularmente contextos com altas taxas de crime e violência (Hale, 1996).

3.5- Vitimação direta e indireta

A perspetiva da vitimação direta afirma que existe uma relação positiva entre a experiência de vitimação direta e o medo do crime (Doran & Burgess, 2012). A perspetiva de vitimação indireta afirma que as pessoas podem experienciar vitimação de forma vicariante e apresentarem as mesmas emoções que resultam de uma vitimação direta (Clark, cit in Doran & Burgess 2012). A vitimação direta com o crime envolve um processo de vitimação pessoal, onde ocorre uma perda imediata para o sujeito, tal como roubo ou dano da propriedade, o trauma psicológico pode estar associado a estas ocorrências (Gomme, 1988). Existem ainda os sujeitos que mesmo nunca tendo sido vítimas de crime diretamente, manifestam medo do crime. A informação das vitimações é obtida de forma indireta e tem como fontes os amigos mais chegados ou familiares que já tenham sido vítimas, também os *media* são uma fonte de informação.

Ao longo dos anos foram vários os autores que estudaram esta relação entre o medo do crime e estes tipos de vitimação. Segundo Hale (1996), a evidência de que existe uma relação direta entre vitimação e medo do crime é mista. O facto de se ter sido vítima de um crime pode tornar os sujeitos mais cautelosos, porém, não necessariamente com um medo mais elevado. Alguns autores têm encontrado, nos seus estudos, resultados que vão no sentido de uma relação positiva entre o medo do crime e vitimação (Liska et al., 1988), outros investigadores referem que essa relação é fraca (Skogan & Maxfield, 1981) ou até mesmo inexistente (Hill, Howell & Driver, 1985 cit. Hale, 1996).

4- Sentimento de insegurança, medo do crime e a cidade

Ramirez (2000) considera a cidade como uma área geográfica de cariz social que engloba uma escala de fenómenos diários que ocorrem, simultaneamente, em locais afastados e independentes. Tratando-se de uma relação de interesses económicos e sociológicos que refletem a distribuição e acomodação geográfica de um grande número de indivíduos num espaço restrito, daí a propagação do crime ser um fator importante a ter em conta devido aos sentimentos de insegurança por parte da população na cidade onde vivem (Machado, 2004). Sendo um conjunto de lugares e atividades, em constante relação e mudança, a cidade resulta da integração da cultura na forma urbana, delineando o seu comportamento antissocial em locais públicos que, por sua vez, influenciará o pensamento, formas de ação e planeamento, bem como a estrutura da cidade e desta forma, conduz ao aumento da criminalidade (Ramirez, 2000).

O medo do crime tornou-se, com o passar dos anos, um problema social que se reflete na qualidade de vida do indivíduo (Mesch, 2000; Roché, 1993). Têm sido realizados vários estudos e investigações (Brantingham & Brantingham, 1993; Machado & Agra, 2002; Machado, 2004; Perkins, Brown & Brown, 2004; Roché, 1993; Taylor, 1987) com o objectivo de avaliar a origem e a exposição ao medo do crime e sua relação com as incivildades do espaço físico. Com efeito, o factor físico, arquitectónico e ambiental é emergente na autoperceção do medo do crime, que surge como uma reação emocional que é caracterizada por uma sensação de perigo e ansiedade. Estas reações devem-se, principalmente, a ameaças à integridade física que se sentem quando os sinais ambientais presentes estão associados ao crime (Garofalo, 1981; Ferraro, 1995). O *design* ambiental da arquitectura do espaço influencia, não só, as reações emocionais mas também os níveis de criminalidade (Manzo, 2003). O desenho e a estrutura dos edifícios, a sobreposição associada à falta de privacidade e às próprias características da comunidade que habita estes locais, consideradas muitas vezes marginais (Brites, 2001), denuncia uma forte correlação com o crime. Também a densidade populacional e o seu crescimento influencia o carácter dos locais, criando contextos distintos nas atitudes e comportamentos, de onde resultam processos de segregação face a aspetos culturais e vocacionais (Rogan, O'Connor & Horwitz, 2005).

5- Explicação ecológica do sentimento de insegurança

Um dos modelos que explica o sentimento de insegurança é o modelo ecológico ou contextual, este foca-se nas variáveis espaço-temporais que influenciam as perceções de segurança dos indivíduos. Neste modelo inserem-se teorias ambientais que se focam nas pistas do ambiente externo que podem desencadear sentimentos de insegurança, procurando reconhecer factores contextuais que podem ser alterados para diminuir a insegurança subjetiva dos indivíduos. Segundo Doran e Burgess (2012), são três as teorias ambientais que se inserem no modelo ecológico: 1) a hipótese das incivilidades/desordens, 2) a perspectiva *Signal Crimes* e 3) as teorias dos ambientes seguros e ameaçadores.

É importante, antes de se proceder à explicação de cada teoria, considerar um conjunto de questões e definições gerais acerca do modelo.

5.1- Background do modelo ecológico

É a Criminologia Ambiental que é responsável pelo estudo da relação entre o espaço e o cometimento de crimes, esta tem como uma das principais influências o conjunto de estudos efetuados pelos investigadores da Escola de Chicago (Brantingham & Brantingham, 1981). Surgiu no início do século XX com o objetivo de perceber o impacto das condições sociais e das características das comunidades nos indivíduos (Weisburd, Bruinsma & Bernasco, 2009). Park, Burgess, Shaw e McKay são alguns dos autores mais relevantes que desenvolveram teorias fundamentais sobre esta temática. A Escola de Chicago focava-se na abordagem do comportamento humano através de uma perspetiva ecológica, onde a conduta humana era ajustada pela organização ou *design* do espaço onde aquela ocorria (Watts, Bessant & Hill, 2008). O enfoque desta corrente não é tanto nos indivíduos, mas sim no contexto ambiental, procurando estudar os elementos detalhados do ambiente que podem contribuir para um maior entendimento da incidência do crime (Watts, et al. 2008). A Criminologia Ambiental destaca os papéis do espaço e do local na determinação do tempo, da localização e carácter dos crimes, defendendo que os crimes devem ser entendidos do ponto de vista do ofensor, das vítimas ou alvos criminais assim como leis em *settings* específicos de tempos e lugares. A análise do crime tem quatro dimensões: uma dimensão legal, uma dimensão do ofensor, uma dimensão do alvo ou vítima e uma dimensão espaço-temporal. Estas dimensões devem ser interpretadas tendo em conta as características sociais, económicas, políticas, biológicas e físicas que definem o contexto em que o crime

ocorre (Watts, et al. 2008). De acordo com Brantingham e Brantingham (1981), o crime é influenciado pelo *design* do local, pela situação ou *setting* social, pelo movimento de rotina das vítimas e agressores.

Um dos dados mais consistentes na literatura, no que diz respeito à relação entre o crime e o espaço é que este fenómeno tem uma distribuição desigual e temporal (Fisher & Nasar, 1995). Assim, alguns países e cidades apresentam um nível mais elevado de crimes do que outras, certos bairros têm mais crimes do que outros (Skogan, 1999) e certos locais são mais propícios à existência de crimes do que outros (Roncek & Maier, cit in Fisher & Nasar, 1995). Os investigadores designaram por “*hot spots*” os locais que exibem uma média de incidentes criminais mais elevadas do que o normal. De acordo com Sherman e colaboradores (1989), os “*hot spots*” são “*pequenos locais nos quais a ocorrência de crime é tão frequente que é altamente previsível, pelo menos durante o período de um ano*” (p. 2). Os estudos científicos também sugerem que o mesmo ocorre para o medo da vitimação (Fisher & Nasar, 1995; Nasar & Fisher, 1993; Nasar & Jones, 1997). Isto é, os indivíduos têm, também, níveis de medo mais elevados em certas cidades, em certos bairros, em certas interações pessoais e em locais específicos. Os padrões temporais de medo sugerem igualmente que existem diferenças entre o dia e a noite.

5.2- Hipótese das incivildades/desordens

Esta hipótese afirma que existe uma relação positiva entre o medo do crime e a percepção das pessoas sobre as características sociais e físicas do ambiente (Tulloch, cit in Doran & Burgess, 2012). Taylor (1999) foi um dos autores que estudou estas características do meio ambiente e social e definiu-as como:

“(...) Condições físicas e sociais de áreas residenciais vistas como potencialmente ameaçadoras e causadoras de distúrbios pelos seus residentes e utilizadores desses espaços públicos” (p.65).

Os autores têm distinguido dois tipos de incivildades, as físicas, que englobam o vandalismo, edifícios e carros abandonados, lixo, *graffiti*, e as ambientais/sociais que são consideradas potencialmente ameaçadoras e que englobam pessoas a beber em público, a discutir na rua, insultos, gangues, prostituição e tráfico de droga (Sampson, 2009; Perkins & Taylor, 1996; Doran & Lees, 2005; Wilson & Kelling, 1982; Skogan, 1999).

Segundo a perspectiva social, as incivildades sociais conotam uma desordem e uma possível vitimação (Nasar & Fisher, 1993). Assim, a desordem social manifesta a violação social das normas ou das leis (Perkins & Taylor, 1996; Skogan, 1999). Já na perspectiva física, as incivildades transmitem mensagens acerca das condições sociais e, por esse motivo, aumentam o medo do crime (Nasar & Fisher, 1993). Com efeito, indicam uma quebra nas normas sociais do comportamento e salientam a incapacidade dos membros da comunidade mobilizarem recursos e lidarem com o crime (Taylor, cit in Doran & Burgess, 2012).

Foi a partir dos anos 70 que se realizaram vários estudos sobre a desordem, sendo que estes estudos tiveram influência dos sociologistas da Escola de Chicago. Wirth foi um dos autores mais relevantes que deu destaque aos efeitos “desorganizadores” da desordem e da diversidade que emergiram a partir do aumento da urbanização na América (cit in Sampson, 2009). O interesse do impacto da desordem no crime e no medo do crime tem levado a diversas conceptualizações por diferentes autores (Taylor, 1999). Em 1978, Hunter afirma que o medo de vitimação nas áreas urbanas é superior à própria vitimação, levando a questionar-se de que é que as pessoas têm medo. Como resposta o autor refere que a abordagem deve ser direcionada para a análise de fatores situacionais, isto é, dos fenómenos externos do ambiente. Refere ainda que as incivildades têm um impacto muito maior no medo do que o próprio crime. O ambiente físico, quando composto pela existência de edifícios abandonados, lixo espalhado pelas ruas, entre outros sinais, leva a que as pessoas façam inferências sobre esse ambiente e, mais especificamente, sobre o tipo de pessoas que lá habitam ou que usam aquele local. Mesmo sem encontros pessoais, estes sinais comunicam, de forma adequada, uma imagem de desordem e, especificamente, a perda de uma sociedade civil. (Hunter, 1978).

A Teoria de Broken Windows de Wilson e Kelling (1982) é outra teoria avançada sobre o estudo da desordem. Estes autores adotaram uma perspectiva temporal e sequencial, descrevendo um processo por etapas onde as incivildades físicas e sociais levam a níveis de crimes mais elevados numa certa comunidade. De um modo geral, a sequência é a seguinte: se uma janela de um edifício se parte e não é arranjada num pequeno espaço de tempo, os moradores dessa comunidade irão deduzir que o controlo social informal é baixo e que os outros residentes não se importam com o bairro. Essa percepção de que ninguém se interessa vai ativar um conjunto de respostas que resultam na atração do crime (Barker & Crawford, 2006). O medo do crime vai originar, por

exemplo, a mudança de certos residentes para outros bairros com mais capacidades económicas, o evitamento de espaços públicos e menos envolvimento no quotidiano do bairro, conseqüentemente, a vigilância natural e o controlo informal (polícia) enfraquecem, permitindo o aumento da desordem e do crime. Assim, para os delinquentes, as incivildades físicas simbolizam oportunidades para a prática de crime (Taylor, 1999). Concluindo, esta teoria assume que a desordem é criminógena (Barker & Crawford, 2006), já que causa níveis elevados de crime.

5.3- Teoria *Signal Crimes*

A Teoria Signal Crimes de Innes (2004) preocupa-se em estudar o modo como a desordem e o crime, explicam as perceções de insegurança e de medo. Innes e Fielding (2002) distinguiram impactos diferenciais de desordem e crime nas perceções de insegurança. Em vez de a desordem ter um impacto genérico no medo, e assumindo que diferentes desordens (graffiti e incivildades sociais) são igualmente importantes em moldar as perceções de insegurança, o seu pressuposto central é que alguns incidentes de crime e desordem importam mais do que outros aos indivíduos, quando se trata de moldar as suas perceções de risco. Eles designam estes incidentes de “signal crimes” e “signal disorders”, devido às suas propriedades comunicativas ou sociais. Esta perpectiva foi construída a partir de um estudo realizado em Inglaterra, onde foram feitas 30 entrevistas semi estruturadas. Innes e colaboradores (2004) concluíram que certos tipos de crime (assaltos a habitação e roubos) têm mais importância que outros, dependendo da visibilidade social que o incidente assume na vida dos indivíduos. Por sua vez, os crimes e as desordens têm efeitos na vida dos sujeitos, alterando o modo como estes pensam, sentem ou se comportam.

5.4- Teorias dos ambientes seguros e ameaçadores

Em semelhança com as teorias apresentadas anteriormente, as teorias dos ambientes seguros e ameaçadores relacionam o sentimento de insegurança com certas pistas ambientais, porem não refletem uma quebra do controlo social (Doran & Burgess, 2012). Fornecem um rótulo mais abrangente para esses objetos que geram o medo do crime, não se restringindo apenas à desordem. Os ambientes físicos ameaçadores são uma manifestação do planeamento urbano ou da falta dele, tendo características que não permitem a vigilância natural.

5.4.1- Falta de perspectiva, locais para o ofensor se esconder e fuga bloqueada

Nasar et al., (1993, 1995) tentaram caracterizar os “*hot spots*” a um nível micro. Consideraram importante estudar estes espaços no sentido em que, a partir destes, se podem criar guias de *design* para reduzir o medo do crime. Estes autores focaram-se em três pistas ambientais: falta de perspectiva, os locais para o ofensor de esconder e fuga bloqueada. O conceito de perspectiva diz respeito à capacidade de um sujeito ter uma vista aberta do seu meio ambiente imediato (Appleton cit in Fisher & Nasar, 1995). A falta de perspectiva tem então uma ligação fundamental com a dimensão da abertura. No que respeita a esta dimensão, Goffman (1971 cit. Warr, 1990), introduziu a ideia de “*lurk lines*” (linhas escondidas), estas são aquelas que estão para além da linha de visão do indivíduo, para o autor, o perigo destas zonas é evidente.

Vários estudos realizados (Nasar & Fisher, 1993; Fisher & Nasar, 1995; Nasar & Jones, 1997) defendem que a falta de perspectiva num determinado local provoca um aumento do medo do crime.

Do ponto de vista do agressor, os locais para se esconder são desejáveis uma vez que os outros não o podem ver. Estes locais permitem-lhes reduzir o risco de serem apanhados ou surpreendidos pelas vítimas (Nasar & Fisher, 1993). Na mesma linha, a dificuldade que um indivíduo antecipa da possibilidade de escapar quando confrontado com um potencial agressor também é desencadeadora de uma sensação de medo. Mesmo na ausência de um estranho visível, as pessoas podem sentir medo já que antecipam aquela dificuldade (Nasar & Jones, 1997). Esta dimensão de fuga bloqueada pode ter duas variantes: uma social (incapacidade de contactar com outros que poderiam ajudar) e outra física (barreiras ao movimento). Diversos autores e estudos têm confirmado estas três características enquanto desencadeadoras de sentimento de insegurança por parte dos indivíduos (Nasar & Fisher, 1993; Fisher & Nasar, 1995; Nasar & Jones, 1997).

5.4.2- Falta de luminosidade

Outra característica associada ao medo do crime é a luminosidade, podendo afetar o facto de um ambiente ser considerado ameaçador. Esta característica liga-se à ideia de que a altura do dia pode influenciar a percepção de segurança dos sujeitos (Doran & Burgess, 2012). Quando existe uma luminosidade insuficiente ou mesmo

inexistente a vulnerabilidade do individuo aumente, uma vez que limita o campo de visão (Painter, 1994).

É consensual a ideia de que as pessoas se sentem mais inseguras depois de escurecer (Nasar & Jones, 1997). Alguns estudos utilizaram metodologias que, através de estímulos fotográficos, comprovaram a ideia de que a falta de luminosidade ou simplesmente a noite aumenta o sentimento de insegurança. No estudo de Bishop e Rohrmann (2003), que procurava clarificar a validade de simulações feitas a computador para representar ambientes urbanos em condições diurnas e noturnas, concluiu que a percepção de insegurança é maior para cenários representativos da noite.

Também Hanyu (1997) realizou um estudo que tinha como objetivo estudar a relação entre as propriedades visuais e respostas afetivas. Concluiu que há uma relação positiva entre a segurança e boa visibilidade, uma vez que esta potencia um aumento de riqueza visual. Painter (1996) investigou o impacto do aumento da luminosidade no sentimento de insegurança e na criminalidade, em três ruas, concluindo que houve uma redução no medo do crime quando a luz daquela rua era aumentada.

Estudos realizados em Inglaterra e Estados Unidos apresentaram que a melhoria da iluminação das ruas ajuda na redução dos níveis de criminalidade (Stollard, 1991).

5.4.3- Novidade/Mistério

Quando se tenta estudar a relação entre a novidade e o sentimento de insegurança, percebe-se que esta temática não tem sido alvo de muitos estudos, embora revele que níveis mais elevados de insegurança estão associados à novidade/mistério (Nasar & Jones, 1997). Warr (1990), em *Dangerous Situations*, dá-nos pressupostos importantes para a compreensão da dimensão da novidade e a sua relação com a insegurança subjectiva. O autor afirma que o domínio do ambiente é fundamental para o indivíduo se sentir seguro, e pelo contrário, a ausência de domínio é uma causa de medo. Warr (1990) afirma que a falta de experiência prévia com o ambiente e a novidade são dois factores que contribuem para a perda de domínio, assim, ambientes novos ou não familiares provocam medo de se ser vítima de crime.

Em suma, têm sido avançadas diversas explicações para o fenómeno do sentimento de insegurança, em que os aspetos mais estudados são os individuais (variáveis sociodemográficas e vitimação direta e indireta), passando por variáveis

contextuais por influência da Criminologia Ambiental (desordens, luminosidade e novidade).

Capítulo II – Método

1 - Método

1.1 - Objetivos e hipóteses de investigação

A presente investigação tem como objetivo principal avaliar a presença do risco e medo em espaços físicos abertos. Tendo em conta a revisão bibliográfica efetuada, como hipóteses é esperado que:

Hipótese 1: As mulheres apresentam mais medo de ser vítimas de um crime em comparação aos homens;

Hipótese 2: Os sujeitos mais velhos apresentam um nível de crime mais elevado;

Hipótese 3: Os sujeitos mais carenciados apresentam níveis mais elevados de medo do crime;

Hipótese 4: Locais avaliados como menos aprazíveis são identificados como locais desencadeadores para o medo do crime, tanto em homens como em mulheres.

1.2 - Caracterização da amostra

Participaram neste estudo 100 participantes, sendo que 40 são do sexo masculino com uma média de idades de 36,33 anos (DP=11,85) e 60 do sexo feminino (M=30,55; DP= 9,65). Existem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à idade, $t(98)=2,674$; $p\leq .01$, sendo que em média os homens são mais velhos que. Os participantes são todos de nacionalidade portuguesa, maioritariamente têm o grau de licenciatura ($n=49$; 49%), $\chi^2(6)=7,479$; $p>.05$. Mais de metade da amostra refere que, atualmente, vive numa área urbana ($n=77$; 77%) e que o seu nível socioeconómico atual corresponde à classe média ($n=61$; 61%), não existindo diferenças estatisticamente significativas entre os géneros, $p>.05$, ver tabela 1.

Tabela 1. Caracterização sócio-demográfica da amostra total, por género.

	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		t
	M	DP	M	DP	
Idade	30,55	9,65	36,33	11,85	2,674**
	Mulheres		Homens		χ^2
	N	%	N	%	
Escolaridade					7,479
1ºCiclo	0	0	1	1	
2ºCiclo	0	0	1	1	
3º Ciclo	2	2	0	0	

Secundário	19	19	14	14	
Licenciatura	29	29	20	20	
Mestrado	10	10	3	3	
Doutoramento	0	0	1	1	
Etnia					4,529
Caucasiana	56	59,6	36	38,3	
Negroide	2	2,1	0	0	
Socioeconómica (atual)					3,135
Classe Média-Alta	7	7	3	3	
Classe Média	33	33	28	28	
Classe Média-Baixa	18	18	9	9	
Classe Baixa	2	2	0	0	

**p≤.01

1.3 - Instrumentos

Foi utilizado neste estudo um protocolo de avaliação constituído por a) um questionário sociodemográfico, b) um conjunto de perguntas relativas à história de vitimação, c) um conjunto de perguntas sobre as imagens apresentadas e d) escala do Índice de Medo do Crime.

O questionário sociodemográfico contém informações relativas ao género, idade, habilitações literárias, situação profissional, profissão atual, nacionalidade, etnia, filiação religiosa, frequência com que assiste aos serviços religiosos, nível socioeconómico em que foi educado, nível socioeconómico atual, tipo de relacionamento e duração, com quem vive, se tem filhos e quantos, tipo de área onde foi educado a maior parte da vida, tipo de área onde vive atualmente.

A segunda parte do protocolo de investigação diz respeito à história de vitimação do sujeito. Neste conjunto de questões é perguntado ao participante se já foi vítima de algum tipo de crime, tendo como opções de resposta a agressão física, as injúrias verbais, o sequestro, o roubo, o furto, a burla, a tentativa de homicídio, o abuso sexual ou violação, o atropelamento e fuga e outro tipo de crime, onde tem de especificar. Para cada um dos tipos de crime o sujeito tem a opção de escolher “Sim” e “Não”, consoante tenha, ou não, sido vítima de crime. É pedido aos sujeitos que não tenham sido vítimas de qualquer tipo de crime para avançar para a próxima página do questionário.

Ainda dentro das questões sobre a vitimação, é pedido ao sujeito para pensar no crime que lhe causou maior dano (físico, psicológico ou material), descrevendo-o sucintamente, referindo qual a frequência da ocorrência do acto, ou seja, se foi um episódio único ou um episódio repetido. É também pedido ao sujeito que avalie o grau

de violência verbal, o grau de ameaça física, a sensação de falta de ajuda ou de impotência, a sensação de controlo e o grau de securidade durante a ocorrência do crime.

É na terceira parte deste protocolo que são apresentadas 10 fotografias, com algumas questões que procuram caracterizar o espaço representado na imagem e um diferenciador semântico de 10 itens. Este diferenciador tem como objectivo avaliar o comportamento adotado pelos indivíduos e o sentimento que está associado a cada um dos estímulos. Estes estímulos são assim as 10 fotografias, que representam vários locais (jardins, ruas, bairros, habitações sociais, condomínios fechados, edifícios vandalizados). Três destas fotografias retratam locais classificados como neutros (imagem 5,8, e 9) e 7 locais considerados totalmente desagradáveis que podem provocar alguma ameaça de perigo pelo contexto ambiental retratado (imagem 1,2,3,4,6,7 e 10).

Foi ainda utilizada a Escala de Índice de Medo do Crime (IMC) de Brites, Miranda e Baptista (2004). Esta é constituída por 24 itens, que se encontram divididos por três dimensões principais: as Reações Fisiológicas, composta por oito itens (1,4,7,10,13,16,19,22); o Sentimento de Insegurança e Vulnerabilidade, composto por 9 itens (2,5,8,11,14,17,20,23,24) e a Sensibilidade Diferencial ao Risco, que inclui sete itens (3,6,9,12,15,18,21).

É uma escala tipo *likert*, que tem quatro opções de resposta, sendo que as opções são: 0 (Nunca ou quase nunca), 1 (Às vezes), 2 (Quase sempre) e 3 (sempre).

No que diz respeito à nota total da escala, apresenta uma consistência interna, validada pelo Alfa de Cronbach de .89, assim como os valores de consistência interna também satisfatórios na dimensão Reações Fisiológicas (.85); na dimensão Sentimento de insegurança e Vulnerabilidade (.82), e Sensibilidade Diferencial ao Risco (.76) (Brites, Miranda e Baptista, 2004).

1.4 - Procedimento

Esta investigação centrou-se num protocolo de avaliação já previamente construído por Brites et al. (2004) com o objectivo de avaliar a percepção do risco e medo do crime em espaços físicos abertos e fechados.

Para ser partilhado na Internet, o protocolo foi criado no Google Docs, na secção da construção dos formulários. A aplicação do protocolo iniciou-se no dia 23 de Novembro de 2015. Foi pedido aos utilizadores que colaborassem e partilhassem com os seus contactos, num estudo no âmbito de dissertação de mestrado. Foi explicado no

início do questionário que a participação era voluntária e anónima, sendo que caso não quisesse continuar poderia desistir a qualquer momento. Não existiram requisitos obrigatórios para responder ao protocolo. Para a aferição e interpretação dos resultados obtidos foi utilizado o programa SPSS Statistics 21.

Capítulo III – Resultados

1 - Análise dos resultados

As técnicas estatísticas para a análise descritiva das variáveis aplicadas foram: frequências absolutas (n) e relativas (%); medida de tendência central: média (x); medida de dispersão: desvio padrão (DP) e outros procedimentos estatísticos: Teste t-Student e teste Qui-Quadrado.

Começamos, assim, por analisar os resultados obtidos sobre a história de vitimação da amostra.

Na tabela 2, que diz respeito ao tipo de crime de que a amostra foi vítima, considera-se que as mulheres foram mais vítimas de injúrias verbais (n=17) e furto (n=10), enquanto os homens foram vítimas de roubo (n=23), agressão física (n=10) e furto (n=10). Estes revelaram diferenças estatisticamente significativas, entre géneros, nos tipos de crimes de agressão física, $\chi^2(1)=4,018$; $p \leq .05$, roubo, $\chi^2(1)=14,314$; $p \leq .001$ e burla, $\chi^2(1)=7,407$; $p \leq .01$.

Tabela 2. Caracterização do tipo de crime do qual foi vítima, por género.

Tipo de Crime	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		χ^2
	Sim	Não	Sim	Não	
Agressão Física	6	54	10	30	4,018*
Injúrias verbais	17	43	15	25	0,927
Sequestro	1	59	0	40	0,673
Roubo	6	54	17	23	14,314***
Furto	10	50	10	30	1,042
Burla	2	58	8	32	7,407**
Tentativa de Homicídio	0	60	0	40	0
Abuso sexual ou violação	2	58	0	40	1,361
Atropelamento e Fuga	0	60	0	40	0

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$

Foi pedido aos sujeitos, que foram vítimas de crime, que pensassem naquele que lhes causou maior dano, seja esse dano físico, psicológico ou material, assim sendo, as mulheres referem ter sido vítimas de crimes que, ocorreram, maioritariamente, no período da tarde (n=7; 17%) e afirmam, maioritariamente, ter sido um episódio único (n=11; 28%). Os homens, por seu lado, referem terem sido vítimas de mais crimes no período da tarde (n=10; 24%) e também terá sido um episódio único (n=20; 50%). Da mesma forma, existem diferenças estatisticamente significativas entre géneros, quando se perguntou se o episódio de que tinha sido vítima foi único, $\chi^2(1)=5,041$; $p \leq .05$ ou se tinha sido um episódio repetido, $\chi^2(1)=11,165$; $p \leq .001$.

Tabela 3. Caracterização da frequência do crime, por género

	Mulheres (n=19)		Homens (n=22)		x ²
	N	%	N	%	
O crime ocorreu					0,480
Manhã	6	15	5	12	
Tarde	7	17	10	24	
Noite	6	15	7	17	
Episódio Único					5,041*
Sim	11	28	20	50	
Não	7	18	2	5	
Episódio Repetido					11,165***
Sim	7	21	0	0	
Não	11	24	22	56	

*p≤.05 ; ***p≤.001

Solicitámos que avaliassem o grau de violência física, violência verbal, ameaça de vida e a sensação de falta de ajuda ou de impotência presente durante o crime que foram vítimas, de acordo com uma escala que varia de 1 (ausente) a 7 (extrema). Assim, 19 sujeitos (45%) de ambos os sexos afirmam que o grau de violência física foi ausente, não existindo diferenças estatisticamente significativas entre géneros, $\chi^2(6)=3,441; p>.05$. O grau de violência verbal também foi considerado ausente por 16 participantes (36%), assim como o grau de ameaça de vida, que de acordo com 25 participantes (60%) foi ausente. O grau de sensação de falta de ajuda ou impotência durante o acontecimento também foi considerado ausente para 9 participantes (21%).

A sensação de controlo durante o acontecimento foi também avaliada, segundo uma escala que varia de 1 (nenhuma sensação de controlo) a 7 (sensação de controlo absoluto). Como resultados principais, 12 participantes (29%) afirma que não possuía nenhuma sensação de controlo enquanto estavam a ser vítimas de crime, enquanto outros 12 sujeitos (29%) afirmam que a sua sensação de controlo estava no nível 3, segundo a escala proposta. Não existem diferenças estatisticamente significativas uma vez que $p>.05$.

Por fim, de acordo com uma escala que varia de 1 (bastante seguro) a 7 (nada seguro), foi perguntado aos participantes até que ponto se sentia seguro antes de ocorrer esse crime, 14 (34%) afirmam que não se sentiam nada seguros.

Considerou-se importante perceber se a partir do momento em foram vítimas de crime, os participantes tomaram medidas de precaução, sendo que 26 (60,5%) afirma que tomou, porém 17 participantes (40,5%) não tomou qualquer medida.

De seguida analisaremos os resultados obtidos na terceira parte do protocolo, ou seja, a história das imagens. Para cada uma dessas imagens foi pedido ao participante para referir se considera aquele local atrativo ou não. Só foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na imagem 9, $\chi^2(1)=5,320$; $p \leq .05$, sendo que são mais homens (9) do que mulheres (4) a considerar que o local não é atrativo.

Tabela 4. Caracterização do local, por género.

Local Atrativo	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		χ^2
	Não	Sim	Não	Sim	
Imagem 1	56	4	38	2	,118
Imagem 2	57	3	35	5	1,834
Imagem 3	58	2	39	1	,057
Imagem 4	53	7	38	2	1,302
Imagem 5	11	49	12	28	1,845
Imagem 6	56	4	39	1	,877
Imagem 7	58	2	38	2	,174
Imagem 8	4	56	7	33	2,877
Imagem 9	4	56	9	31	5,320*
Imagem 10	58	2	38	2	,174

* $p \leq .05$

Ainda sobre a história das imagens, foi perguntado uma outra questão a cada participante, se considerava aquele local, como um local de confiança, suspeito, perigoso, com boa vizinhança, suspeito e perigoso, suspeito e com boa vizinhança, de confiança e com boa vizinhança ou de confiança e suspeito. Assim, através do teste de Qui-Quadrado, verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das imagens.

Também foi pedido aos participantes que, para cada uma das imagens, classificasse o local apresentado, sendo que poderia escolher rural, urbano ou periférico. Recorreu-se, novamente ao teste Qui-Quadrado para testar as variáveis. Apenas existem diferenças estatisticamente significativas para a imagem 4, $\chi^2(2)=9,690$; $p \leq .01$, 27 participantes do sexo feminino (27%) avaliaram a imagem 4 como sendo um espaço rural e apenas 7 homens (7%) tiveram a mesma opinião. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nas restantes imagens.

Tabela 5. *Classificação do espaço, por género.*

	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		x ²
	N	%	N	%	
Imagem 1					3,089
Urbano	29	29	23	23	
Rural	4	4	0	0	
Periférico	27	27	17	17	
Imagem 2					2,141
Urbano	40	40	27	27	
Rural	3	3	0	0	
Periférico	17	17	13	13	
Imagem 3					3,671
Urbano	37	37	30	30	
Rural	4	4	0	0	
Periférico	19	19	10	10	
Imagem 4					9,690**
Urbano	12	12	17	17	
Rural	27	27	7	7	
Periférico	21	21	16	16	
Imagem 5					1,648
Urbano	48	48	30	30	
Rural	0	0	1	1	
Periférico	12	12	9	9	
Imagem 6					4,817
Urbano	27	27	25	25	
Rural	8	8	1	1	
Periférico	25	25	14	14	
Imagem 7					2,306
Urbano	36	36	29	29	
Rural	5	5	1	1	
Periférico	19	19	10	10	
Imagem 8					1,173
Urbano	23	23	13	13	
Rural	22	22	13	13	
Periférico	15	15	14	14	
Imagem 9					1,694
Urbano	23	23	11	11	
Rural	13	13	8	8	
Periférico	24	24	21	21	
Imagem 10					1,467
Urbano	33	33	26	36	
Rural	4	4	1	1	
Periférico	23	23	13	13	

**p≤.01

Por fim, foi pedido aos participantes para se imaginarem sozinhos naquele local (imagem) e para dizer como se sentiam e qual seria o seu comportamento, de acordo com a questão perguntada (“Andaria mais rapidamente/Andaria de modo descontraído”) e segundo uma escala que varia de 1 a 6.

Na imagem 1 apenas foram encontradas diferenças estatisticamente significativas por género nos itens: Sentiria que poderia ser vítima/Sentiria que nada me iria acontecer, $t(98)=2,360$; $p\leq.05$; Se visse alguém neste local desviaria o percurso/ Se visse alguém neste local manteria o mesmo percurso, $t(98)=3,336$; $p\leq.001$, como se pode verificar pela tabela abaixo.

Tabela 6. Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 1, por género.

Imagem 1	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		t
	M	DP	M	DP	
Rapidamente	2,65	1,21	2,75	1,18	0,411
Seguro	3,92	1,38	3,90	1,22	-,062
Batimento Cardíaco	3,30	1,54	3,88	1,32	1,929
Vitima	3,20	1,27	3,80	1,20	2,360*
Percurso	3,12	1,45	4,05	1,24	3,336***
Medidas Preventivas	2,58	1,23	3,03	1,39	1,675
Receio	3,05	1,16	3,25	1,39	0,781
Observado	2,95	1,24	3,15	1,19	0,803
Assaltado	2,88	1,20	3,10	1,28	0,864
Tranquilo	3,70	1,47	3,45	1,20	-0,897

* $p\leq.05$; *** $p\leq.001$

Na imagem 2 foram encontradas diferenças estatisticamente significativas por género nos itens: Sentiria que poderia ser vítima/Sentiria que nada me iria acontecer, $t(98)=2,150$; $p\leq.05$; Se visse alguém neste local desviaria o percurso/ Se visse alguém neste local manteria o mesmo percurso, $t(98)=2,816$; $p\leq.01$; Recearia as pessoas que pudessem estar neste local/ Independentemente das pessoas que aqui se encontrassem manter-me-ia tranquilo, $t(98)=2,321$; $p\leq.05$ e Sentiria que poderia ser facilmente assaltado/ Sentiria que nada de mal me iria acontecer, $t(98)=2,143$; $p\leq.05$.

Tabela 7. Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 2, por género.

Imagem 2	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		t
	M	DP	M	DP	
Rapidamente	2,65	1,26	3,18	1,47	1,911
Seguro	3,82	1,47	3,58	1,34	-0,836
Batimento Cardíaco	2,95	1,40	3,53	1,28	2,085
Vitima	2,88	1,18	3,40	1,17	2,150*
Percurso	3,03	1,31	3,80	1,36	2,816**
Medidas Preventivas	2,75	1,34	2,95	1,36	0,729
Receio	2,65	1,27	3,25	1,30	2,321*

Observado	2,92	1,20	2,93	1,25	0,034
Assaltado	2,50	3,05	1,20	1,34	2,143*
Tranquilo	3,88	1,42	3,48	1,28	-1,467

*p≤.05; **p≤.01

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre géneros nas imagens 3,4, e 5, o que significa que tanto os homens como as mulheres adotavam praticamente os mesmos comportamentos (tabelas 8, 9 e 10).

Tabela 8. Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 3, por género.

Imagem 3	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		t
	M	DP	M	DP	
Rapidamente	2,72	1,34	2,98	1,29	0,958
Seguro	3,75	1,50	3,88	1,16	0,445
Batimento Cardíaco	3,00	1,34	3,33	1,23	1,228
Vitima	3,02	1,23	3,10	1,01	0,356
Percurso	2,83	1,32	3,35	1,23	1,972
Medidas Preventivas	2,65	1,35	2,60	1,06	-0,197
Receio	2,78	1,25	2,88	1,07	0,380
Observado	2,83	1,29	2,85	1,08	0,067
Assaltado	2,85	1,25	2,83	1,06	-0,104
Tranquilo	3,97	1,33	3,88	1,18	-0,353

Tabela 9. Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 4, por género.

Imagem 4	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		t
	M	DP	M	DP	
Rapidamente	3,00	1,50	3,00	1,45	0
Seguro	3,65	1,56	3,98	1,27	1,097
Batimento Cardíaco	3,20	1,51	3,40	1,34	0,680
Vitima	3,10	1,36	3,05	1,15	-0,191
Percurso	3,15	1,89	3,40	1,39	0,881
Medidas Preventivas	2,97	1,40	2,78	1,39	-0,673
Receio	2,97	1,34	3,18	1,28	0,776
Observado	3,15	1,36	2,95	1,18	-0,758
Assaltado	2,97	1,34	3,03	1,25	0,219
Tranquilo	3,92	1,56	3,95	1,40	0,109

Tabela 10. Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 5, por género.

Imagem 5	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		t
	M	DP	M	DP	
Rapidamente	4,77	1,37	5,18	1,08	1,583
Seguro	2,27	1,29	2,23	1,47	-0,149
Batimento Cardíaco	5,03	1,25	5,15	1,21	0,463
Vitima	4,82	1,16	5,13	1,02	1,369
Percurso	4,87	1,26	5,25	1,01	1,615
Medidas Preventivas	4,65	1,29	4,80	1,29	0,571
Receio	4,83	1,04	5,03	0,95	0,933
Observado	4,72	1,35	4,78	1,21	0,226
Assaltado	4,67	1,27	5,00	0,99	1,400
Tranquilo	2,12	1,22	1,88	1,11	-1,003

Na imagem 6 apenas existem diferenças estatisticamente significativas no item: Se visse alguém neste local desviaria o percurso/ Se visse alguém neste local manteria o mesmo percurso, $t(98)=2,079$; $p\leq.05$.

Tabela 11. Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 6, por género.

Imagem 6	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		t
	M	DP	M	DP	
Rapidamente	2,62	1,09	3,08	1,25	1,942
Seguro	4,00	1,29	3,73	1,28	-1,048
Batimento Cardíaco	3,12	1,20	3,35	1,35	0,908
Vitima	2,93	1,04	3,13	1,18	0,855
Percurso	2,88	1,09	3,38	1,25	2,079*
Medidas Preventivas	2,70	1,12	2,90	1,22	0,844
Receio	2,97	1,04	3,20	1,27	1,007
Observado	2,90	1,19	3,08	1,21	0,717
Assaltado	2,78	1,09	3,18	1,28	1,641
Tranquilo	4,22	1,17	3,85	1,29	-1,475

* $p\leq.05$

Na imagem 7 (tabela 12) existem diferenças estatisticamente significativas entre os géneros no item: Se visse alguém neste local desviaria o percurso/ Se visse alguém neste local manteria o mesmo percurso, $t(98)=2,441$; $p\leq.05$.

Tabela 12. Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 7, por género.

Imagem 7	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		t
	M	DP	M	DP	
Rapidamente	2,48	1,20	3,00	1,47	1,928
Seguro	4,00	1,47	4,13	1,40	0,426
Batimento Cardíaco	2,90	1,43	3,28	1,47	1,269
Vitima	2,62	1,11	2,90	1,32	1,162
Percurso	2,77	1,21	3,40	1,36	2,441*
Medidas Preventivas	2,63	1,21	2,98	1,21	1,386
Receio	2,70	1,23	3,13	1,24	1,689
Observado	2,63	1,25	3,03	1,31	1,507
Assaltado	2,48	1,21	2,95	1,36	1,796
Tranquilo	4,15	1,41	3,78	1,29	-1,346

*p≤.05

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre géneros nas imagens 8,9, e 10, o que significa que tanto os homens como as mulheres adotavam praticamente os mesmos comportamentos (tabelas 13, 14 e 15).

Tabela 13. Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 8, por género.

Imagem 8	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		t
	M	DP	M	DP	
Rapidamente	5,17	1,21	5,23	1,12	0,243
Seguro	2,18	1,42	2,08	1,49	-0,366
Batimento Cardíaco	5,27	1,22	5,45	0,96	0,800
Vitima	4,93	1,18	5,25	1,08	1,362
Percurso	5,08	1,20	5,33	0,97	1,064
Medidas Preventivas	4,75	1,26	4,80	1,52	0,179
Receio	4,95	1,21	5,20	0,88	1,120
Observado	4,90	1,34	4,97	1,21	0,285
Assaltado	4,83	1,28	5,18	0,96	1,442
Tranquilo	1,97	1,21	1,83	1,28	-0,562

Tabela 14. Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 9, por género.

Imagem 9	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		t
	M	DP	M	DP	
Rapidamente	5,12	1,40	5,43	1,06	1,182
Seguro	2,27	1,65	2,08	1,59	-0,578

Batimento Cardíaco	5,23	1,29	5,48	0,96	1,010
Vitima	4,98	1,32	5,25	1,19	1,027
Percurso	5,03	1,28	5,30	0,99	1,116
Medidas Preventivas	4,73	1,47	5,03	1,29	1,019
Receio	4,97	1,28	5,28	0,93	1,312
Observado	4,93	1,40	4,93	1,21	-0,031
Assaltado	4,92	1,34	5,25	1,03	1,328
Tranquilo	1,98	1,32	1,98	1,39	-0,030

Tabela 15. Diferenças de médias e desvio padrão nos comportamentos adotados e sentimentos face à imagem 10, por género.

Imagem 10	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		t
	M	DP	M	DP	
Rapidamente	2,05	1,13	2,50	1,52	1,700
Seguro	4,38	1,62	4,25	1,63	-0,403
Batimento Cardíaco	2,55	1,35	3,08	1,58	1,784
Vitima	2,37	1,22	2,65	1,29	1,111
Percurso	2,43	1,36	2,90	1,43	1,649
Medidas Preventivas	2,30	1,32	2,48	1,36	0,642
Receio	2,30	1,27	2,55	1,30	0,957
Observado	2,45	1,28	2,63	1,28	0,670
Assaltado	2,18	1,21	2,53	1,32	1,331
Tranquilo	4,62	1,45	4,18	1,52	-1,464

Com o objetivo de testar as hipóteses e questões de investigação anteriormente avançadas, pretendeu-se avaliar o IMC e as suas dimensões em homens e mulheres. Utilizou-se, assim, o teste t Student, onde se concluiu que existem diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres na dimensão de Reações Fisiológicas, $t(98)=-2,852$; $p \leq .01$, sendo que em média as mulheres ($M=1,02$; $DP=0,56$) apresentam mais reações fisiológicas que os homens ($M=0,71$; $DP=0,50$).

Tabela 16. Diferenças de média e desvio padrão nas dimensões e nota total do Índice do Medo do Crime, por género.

	Mulheres (n=60)		Homens (n=40)		t
	M	DP	M	DP	
Reações Fisiológicas	1,02	0,56	0,71	0,50	-2,852**
Sentimento de Insegurança e Vulnerabilidade	0,61	0,44	0,45	0,37	-1,882
Sensibilidade Diferencial do Risco	1,16	0,50	1,20	0,53	0,443

Índice Medo do Crime (total)	0,91	0,42	0,76	0,39	-1,801
---------------------------------	------	------	------	------	--------

**p≤.01

Pretendeu-se, igualmente, avaliar o IMC e as suas dimensões nos sujeitos mais novos e mais velhos. Procedeu-se, assim, a uma divisão das faixas etárias em que os sujeitos mais novos têm menos de 23 anos (percentil 25) e os mais velhos têm mais de 39 anos (percentil 75). Utilizou-se, novamente, o teste t Student para averiguar as diferenças de médias entre os sujeitos mais novos e mais velhos. Como podemos comprovar pela tabela 17, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos mais novos e mais velhos no que diz respeito ao medo do crime e às suas dimensões.

Tabela 17. Diferenças de média e desvio padrão nas dimensões e nota total do Índice do Medo do Crime, por sujeitos mais novos e sujeitos mais velhos.

	Mais novos (n=30)		Mais velhos (n=29)		t
	M	DP	M	DP	
Reações Fisiológicas	0,84	0,50	0,94	0,47	-0,807
Sentimento de Insegurança e Vulnerabilidade	0,57	0,44	0,53	0,36	0,396
Sensibilidade Diferencial do Risco	1,10	0,45	1,26	0,56	-1,212
Índice Medo do Crime (total)	0,82	0,39	0,88	0,37	-,665

Entendeu-se necessário, fazer uma divisão para o nível socioeconómico atual dos participantes, para encontrar indivíduos mais e menos carenciados e percebermos o seu meio de inserção social. Como se pode observar na tabela 18, não existem diferenças estatisticamente significativas entre sujeitos mais e menos carenciados face ao medo do crime.

Tabela 18. Diferenças de média e desvio padrão nas dimensões e nota total do Índice do Medo do Crime, por sujeitos mais e menos carenciados.

	Mais Carenciados (n=29)		Menos Carenciados (n=71)		t
	M	DP	M	DP	
Reações Fisiológicas	0,96	0,60	0,87	0,54	-0,698
Sentimento de	0,64	0,431	0,51	0,41	-1,383

Insegurança e Vulnerabilidade					
Sensibilidade	1,18	0,518	1,17	0,51	-0,081
Diferencial do Risco					
Índice Medo do Crime (total)	0,90	0,44	0,82	0,40	-0,867

2 - Discussão dos resultados

Podemos concluir que foram vários os estudos que contribuíram para uma melhor explicação do sentimento de insegurança e do medo do crime. Foram também vários autores que tentaram perceber a relação entre as características sociodemográficas e socioeconómicas e o medo do crime.

Perante os resultados obtidos neste estudo, sobre a história de vitimação, concluímos as mulheres sofreram mais de crimes como injúrias verbais (n=17) e furto (n=10) e os homens foram mais vítimas de injúrias verbais (n=15), agressão física (n=10) e furto (n=10). Ainda sobre a história de vitimação do participante, pediu-se que avaliassem a sensação de controlo que sentiram durante a ocorrência do crime, sendo que, 28,6% das mulheres considerou não ter nenhuma sensação de controlo. Por oposição, 11,9 % dos homens considerou, de acordo com a escala, ter uma sensação de controlo perante o crime de nível 3. Em ambos os géneros verificou-se um maior predomínio de sentimentos de impotência, perda da sensação de controlo e falta de ajuda relacionados com o crime.

Mais de metade dos participantes vive numa área urbana, pertencem à classe social média e maioritariamente têm um grau académico de licenciatura. Segundo Bogner e Wisener (1997) uma elevada densidade populacional está associada a uma maior diversidade de estímulos, sendo que esses estímulos produzem níveis mais elevados de ansiedade e agressividade na população (Brites, 2001).

Mais de metade dos participantes consideraram as imagens de valência neutra (fotografia 5, 8 e 9) como sendo um local atrativo e revelaram que, naquele local, não teriam tendência para acelerar o passo, pois sentiam-se seguros, que manteria também o percurso independentemente de quem estivesse no local e praticamente não tomariam medidas preventivas. Nas imagens de valência negativa, as mulheres apresentaram mais receio de serem vítimas de assalto e menos tranquilidade do que os homens, o que confirma as conclusões obtidas por Machado e Agra (2002), que afirmam que a mulher é mais vulnerável pois entende facilmente o risco presente no meio ambiente. Também

são as mulheres que tomariam mais medidas preventivas em relação ao local apresentado, o que confirma as conclusões obtidas por Stanko (cit in Madriz, 1997), que revela que as mulheres adoptam mais comportamentos de evitamento, proteção e defesa. Na presente investigação, quando analisado o Índice de Medo do Crime, apenas se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres, na dimensão Reações Fisiológicas.

Nas imagens de valência negativa existe uma maior tendência por parte dos participantes para acelerar o passo, igualmente consideram que seriam facilmente vítimas de crime e receariam as pessoas que pudessem estar naquele local. Com efeito, é possível verificar nos estudos de Perkin et al. (1996) que as incivildades físicas estão relacionadas com a percepção de delinquência e com a vitimação criminal.

No que diz respeito à variável idade, averiguou-se que esta não teve influência no medo do crime e, portanto, não existiram diferenças estatisticamente significativas entre sujeitos mais velhos e mais novos. O facto de a idade e o medo do crime não se correlacionarem vai de encontro a alguns resultados que têm sido encontrados na literatura.

Com efeito, autores como LaGrange e Ferraro (1989) concluíram que quando se tem em conta crimes específicos, os indivíduos mais velhos têm menos medo do crime em relação aos mais novos. Um estudo experimental de Ziegler & Mitchel (2003) verificou que os participantes mais velhos reportaram menos medo do crime do que os participantes mais novos da amostra.

Por fim, um estudo realizado por Gomme (1988) chegou à conclusão de que apesar de a idade ser um preditor significativo do medo do crime, a direção da relação estudo foi oposta à que se tinha colocado em hipótese: os indivíduos mais novos foram os mais medrosos em relação aos indivíduos mais velhos da amostra. Pode concluir-se, assim, que os resultados acerca da relação entre o medo do crime e a idade são mistos, não se podendo afirmar, então, de forma consistente, que os indivíduos mais idosos são os mais medrosos.

Quanto à relação entre o medo do crime a nível socioeconómico, a generalidade dos estudos indica que os sujeitos mais carenciados têm níveis mais elevados de medo do crime (Skogan & Maxfield, 1989 cit. Hale, 1996). Porém, neste estudo os resultados vão contra estas conclusões, uma vez que, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre sujeitos mais e menos carenciados.

Conclusão

Como em qualquer investigação existem várias limitações e este estudo não foi exceção. Em primeiro lugar todos os participantes são de nacionalidade portuguesa, o que não nos permitiu comparar o medo do crime com outras nacionalidades. Em segundo lugar mais de metade da amostra é de etnia caucasiana, sendo que dois referem ser de etnia negróide e os restantes não responderam a esta questão, também não nos foi possível estudar o medo do crime de acordo com esta característica. O protocolo aplicado neste estudo era um pouco extenso o que causou uma elevada fadiga dos participantes.

Como resultados deste estudo concluiu-se que perante as imagens de valência neutra os participantes consideraram-nas como um local atrativo e que se manteriam seguros naquele local. Já nas imagens de valência negativas as mulheres apresentaram mais receio de serem vítimas de crime do que os homens, o que confirma a hipótese 1 deste estudo. Também podemos concluir que as imagens consideradas menos agradáveis desencadeiam um maior medo de vitimação tanto em mulheres como em homens, o que confirma a hipótese 4 deste estudo. No que diz respeito à hipótese 2 (sujeitos mais velhos apresentam um maior nível de medo do crime) concluiu-se que não existem diferenças entre os sujeitos mais velhos e mais novos, indo de acordo com o estudo realizado por Pain (2000). Para a hipótese 3 deste estudo, concluiu-se que não existem diferenças entre sujeitos mais ou menos carenciados ao nível do medo do crime, o que vai contra o estudo de Skogan e Maxfield de 1989.

Torna-se pertinente a realização de novos estudos para uma melhor compreensão da influência da percepção do ambiente no comportamento e nas emoções.

Consideramos relevante aprofundar a componente emocional do sentimento de insegurança, o medo do crime, o que julgamos importante ir além dos instrumentos que vulgarmente são utilizados na sua avaliação, nomeadamente os inquéritos. Achando interessante recorrer a outro tipo de instrumentos, como por exemplo, instrumentos de neuropsicologia ou recorrendo mesmo à realidade virtual. Neste contexto de laboratório, é possível induzir emoções através de diferentes estímulos previamente preparados e passíveis de serem manipulados. Usando estes métodos, penso que, seria possível medir as reações neuropsicofisiológicas dos participantes através de diferentes índices tais como a atividade eletrodérmica da pele e o ritmo cardíaco. Poderá então estudar-se que tipos de características ambientais desencadeiam níveis mais elevados de medo do crime.

Referências

- Agra, C. & Kuhn, A. (2010). *Somos todos criminosos*. Porto: Casa das Letras.
- Agra, C. (2007). Podemos medir a criminalidade e a segurança? Inovação, poder e desenvolvimento. *Congresso de Cidadania*, (pp. 227-234).
- Amerio, P., & Roccato, M. (2007). Psychological reactions to crime in Italy: 2002-2004. *Journal of Community Psychology*, 35 (1), 91-102.
- Barker, A. &. (2006). *Fear of crime and insecurity in Europe*. Europe: Assessing Deviance, Crime and Prevention in Europe. Project CRIMPREV.
- Bishop, I., & Rohrmann, B. (2003). Subjetive responses to simulated and real environments. *Landscape and Urban Planning*, 65(4), 261-277.
- Boers, K. (2003). Fear of violent crime. In W. Heitmeyer, & J. Hagan, *International Handbook of Violence Research* (Vol. 1, pp. 1131-1150). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Bogner, F., & Wisener, M. (1997). Environmental Perception of Rural and Urban pupils. *Journal of Environmental Psychology*, 2, 111-122.
- Brantingham, P., & Brantingham, P. (1981). *Environmental Criminology* (2^a ed.). Illinois: Waveland Press, Inc.
- Brantingham, P., & Brantingham, P. (1993). Nodes, paths and edges: considerations of the complexity of crime and the physical environment. *Journal of Environmental Psychology*, 13, 3-28.
- Brites, J. (2001). O paradigma ecopsicossociológico na desordem. *Sub-Judíce, Justiça e Sociedade, Psicologia e Justiça: Razões e Trajectos*, 85-90.
- Brites, J. (2010). O espaço físico no exposição ao medo do crime. *ousar integrar - revista de reinserção social e prova*, 6, 73-82.
- Brites, J., Miranda, R., & Baptista, A. (2004). Natureza e desenvolvimento do Índice do Medo do Crime - IMC. In C. Machado, M. Gonçalves, & V. Ramalho, *Avaliação Psicológica - Formas e Contextos* (pp. 243-250). Braga: Psiquilíbrios Edições.

- Chadee, D., & Ditton, J. (2003). Are Older People Most Afraid of Crime? Revisiting Ferraro and Lagrange in Trinidad. *British Journal of Criminology*, 43 (2), 417-433.
- Doran, B. J., & Burgess, M. (2012). *Putting fear of crime on the map: investigating perceptions of crime using geographic information systems*. Londres: Springer.
- Doran, B., & Lees, B. (2005). Investigating the spatiotemporal links between disorder, crime and the fear of crime. *The Professional Geographer*, 57(1), 1-12.
- Farrall, S. (2007). *Experience and expression in the fear of crime: full research report*. Swindon: ESRC.
- Farrall, S., & Gadd, D. (2004). The frequency of the fear of crime. *British Journal of Criminology*, 44, 127-132.
- Fernandes, L. (2004). Bases ecossociais do sentimento de insegurança. *Educação, Sociedade & Culturas*, 21, 93-112.
- Fernandes, L., & Carvalho, M. (2000). Problemas no estudo etnográfico de objectos fluidos: os casos do sentimento de insegurança e da exclusão social. *Educação, Sociedade e Culturas*, 14, 59-87.
- Fernandes, L., & Rêgo, X. (2011). Por onde anda o sentimento de insegurança? Problematizações sociais e científicas do medo à cidade. *Etnografia*, 15 (1), 167-181.
- Ferraro, K. (1995). *Fear of crime: interpreting the victimization risk*. New York: State University of New York Press.
- Fisher, B., & Nasar, J. (1995). Fear spots in relation to microlevel physical cues - exploring the overlooked. *Journal Of Research in Crime and Delinquency*, 32(2), 214-239.
- Franklin, T., Franklin, C., & Fearn, N. (2008). A multilevel analysis of the vulnerability, disorder and social integration models of fear of crime. *Social Justice Research*, 21, 204-227.

- Gabriel, U., & Greve, W. (2003). The Psychology of Fear of Crime: conceptual and Methodological Perspectives. *British Journal of Criminology*, 43, 600-614.
- Garofalo, J. (1981). The fear of crime: causes and consequences. *Journal of Criminal Law and Criminology*, 72, 839-857.
- Gomme. (1988). The role of experience in the production of fear of crime: a test of a causal model. *Canadian Journal of Criminology*, 30, 67-76.
- Gray, E. J. (2008). Reassessing the fear of crime. *European Journal of Criminology*, 363-380.
- Guedes, I., Cardoso, C., & Agra, C. (2012). Medo do crime. Revisão conceptual e metodológica. In C. Agra, *A criminologia: Um Arquipélago Interdisciplinar* (pp. 213-248). U. Porto Editorial.
- Hale, C. (1996). Fear of crime: A review of the literature. *International Review of Victimology*, 4, 79-150.
- Hunter, A. (1978). Symbols of incivility: social disorder and fear of crime in urban neighborhoods. . *Annual Meeting of the American Criminological Society*. Dallas.
- Innes, M. (2004). Signal crimes and signal disorders: notes on deviance as communicative action. *The British Journal of Sociology*, 55(3), 335-353.
- Innes, M., & Fielding, N. (2002). From community to communicative policing: "Signal Crimes" and the problem of public reassurance. *Sociological Research Online*, 7(2), 2-14.
- Jackson, J. (2005). Validating new measures of the fear of crime. *International Journal of Social Research Methodology*, 8 (4), 297-315.
- Lab, S. (2013). *Crime prevention: Approaches, practices and evaluations*. USA: Elsevier.
- LaGrange, H. (1995). *La civilité à l'épreuve: crime et sentiment d'insecurité*. Paris: Presses Universitaires de France- PUF.
- LaGrange, R., & Ferraro, K. (1987). The measurement of fear of crime. *Sociological Inquiry*, 57(1), 70-97.

- LaGrange, R., & Ferraro, K. (1989). Assessing age and gender differences in perceived risk and fear of crime. *Criminology*, 27, 697-720.
- Liska, A. E., Sanchirico, A., & Reed, M. D. (1988). Fear of crime and constrained behavior specifying and estimating a reciprocal effects model. *Social Forces*, 66(3), 827-837.
- Lourenço, N. (2010). Cidades e sentimento de insegurança: violência urbana ou insegurança urbana? In E. Júnior, J. Silva, & J. Maron, *Um Toque de Qualidade. Eficiência e Qualidade na Gestão da Defesa Social* (pp. 15-39). Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Defesa Social.
- Machado, C. (2004). *Crime e insegurança. Discursos do medo, imagens do outro* (2^a ed.). Lisboa: Editorial Notícias.
- Machado, C., & Agra, C. (2002). Insegurança e medo do crime: da ruptura da sociabilidade à reprodução da ordem social. *Revista Portuguesa da Ciência Criminal*, 12, 79-101.
- Machado, C., & Manita, C. (2001). "Eles" e "Nós": O discurso directo sobre as figuras do crime. *Olhares Seguros*, 3, 8-9.
- Madriz, E. (1997). *Nothing bad happens to good girls: fear of crime in women's lives*. Berkeley: University of California Press.
- Manzo, L. (2003). Beyond house and haven: Toward a revisioning of emotional relationships with place. *Journal of Environmental Psychology*, 47-61.
- Mathieu, J. L. (1995). *L'Insécurité*. Paris: Presses Universitaires de France - PUF.
- Matias, M., & Fernandes, L. (2009). Desarrumar o medo...O arrumador de carros como figurado medo da cidade. *Revista Toxicodependências*, 15, 9-22.
- Mesch, G. S. (2000). Perception of risk, lifestyle activities and fear of crime. *Deviant Behavior*, 21(1), 47-62.
- Nasar, J., & Fisher, B. (1993). Hot spots of fear of crime: A multiple-method investigation. *Journal of Environmental Psychology*, 187-206.

- Nasar, J., & Jones, K. (1997). Landscapes of fear and stress. *Environment and Behavior*, 29 (3), 291-323.
- Pain, R. (2000). Place, social relations and the fear of crime: a review. *Progress in Human Geography*, 365-387.
- Painter, K. (1994). Street Lightind and Crime: Diffusion of benefits in the stoke-on-trent project. *Crime Prevention Studies*, 10, 77-122.
- Perkins, D., & Taylor, R. (1996). Ecological assessments of community disorder: their relationship to fear of crime and theoretical implications. *American Journal of Community Psychology*, 24, 63-107.
- Perkins, D., Brown, B., & Brown, G. (2004). Incivilites, place attachment and crimes: block and individual effects. *Journal of Environmental Psychology*, 24, 359-371.
- Rader, N. E., May, D. C., & Goodrum, S. (2007). An empirical assessment of the "threat of victimization": considering fear of crime, perceived risk, avoidance and defensive behaviors. *Sociological Spectrum: Mid-South Sociological Association*, 27(5), 475-505.
- Ramírez, B. (2000). El medio urbano. In J. Araganés, *Psicologia Ambiental* (pp. 259-280). Madrid: Psicogia Pirâmide.
- Rêgo, X., & Fernandes, L. (2012). As falas do medo. Convergências entre as cidades do Porto e Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27, 51-190.
- Reid, L. W., & Konrad, M. (2004). The gender gap in fear of crime: assessing the interactive effects of gender and perceived risk on fear of crime. *Sociological Spectrum*, 24, 399-425.
- Robert, P. (2002). *O cidadão, o crime e o estado*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Roché, S. (1993). *Le Sentiment d'Insécurité*. Paris: PUF.
- Rogan, R., & O'Connor, M. (2005). Nowhere to hide: Awareness and perceptions of environmental change and their influence on relationships with place. *Journal of Environmental Psychology*, 25, 147-158.

- Sampson, R. (2009). Disparity and diversity in the contemporary city: social (dis)order revisited. *The British Journal of Sociology*, 60(1), 1-31.
- Sherman, L., Gartin, P., & Buerger, M. (1989). Hot spots of predatory crime: routine activities and the criminology of place. *Criminology*, 27(1), 27-55.
- Skogan, W. (1987). The impact of victimization on fear. *Crime & Delinquency*, 33, 135-154.
- Skogan, W. (1999). Measuring what matters: crime, disorder and fear. In R. (. Lanworthy, *Measuring what matters: proceedings from the policing research institute meetings*. Washington DC.
- Skogan, W. (1999). Measuring What Matters: Crime, Disorder, And Fear. In R. Lanworthy, *Measuring What Matters: Proceedings from the Policing Research Institute Meetings*. Washington DC: U.S Department of Justice, National Institute os justice and Office of Community Oriented Policing Services.
- Skogan, W., & Maxfield, M. (1981). *Coping with crime: Individual and Neighborhood Reactions*. Beverly Hills: Calif: Sage.
- Warr, M. (2000). Fear of crime in the United States: avenues for research and policy. *Measurement and analysis of crime and justice*, 451-489.
- Watts, R., Bessant, J., & Hil, R. (2008). *International Criminology: a critical introduction*. USA and Canada: Routledge.
- Weisburd, D., Bruinsma, J., & Bernasco. (2009). Units of analysis in geographic criminology: historical development, critical issues, and open questions. In W. David, B. Wim, & B. Gerben, *Putting crime in its place: units of analysis in geographic criminology*. New York: Springer.
- Williams, F., McShane,, M., & Akers, R. (2000). Worry about victimization: an alternative and reliable measure of fear of crime. *Western Criminology Review*, 2, 1-26.
- Wilson, J., & Kelling, G. (1982). Broken windows. *Atlantic Monthly*, 211, 29-38.

- Wirth, L. (2001). O urbanismo como modo de vida. In C. Fortuna, *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Socialização*. Portugal: Celta.
- Wyant, B. (2008). Multilevel impacts of perceived incivilities and perceptions of crime risk on fear of crime: isolating endogenous impacts. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 45(1), 39-64.
- Ziegler, R., & Mitchell, D. (2003). Aging and fear of crime: an experimental approach to an apparent paradox. *Experimental Aging Research*, 29, 173-187.

Anexos

Anexo 1 – Protocolo de Investigação

Esta investigação insere-se no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Psicologia Forense e da Exclusão Social, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, tendo como objectivo estudar a Exposição do Espaço Físico ao Medo do Crime.

A sua colaboração será breve (aproximadamente 15 minutos) e consistirá na observação de imagens e posteriormente no preenchimento de um questionário. Não existem respostas certas ou erradas. Responda apenas de forma a reflectir as suas opiniões pessoais, não deixando nenhuma questão por responder.

A sua participação neste estudo é voluntária, caso não queira continuar, sinta-se à vontade para desistir.

Posto isto, os investigadores compromete-se a:

- a) Garantir a total confidencialidade dos dados fornecidos pelos participantes;
- b) Utilizar os dados fornecidos pelos participantes apenas para fins estatísticos;
- c) Prestar esclarecimentos sobre quaisquer dúvidas acerca da investigação, em qualquer momento.

Contacto para esclarecimento:

irisesteves93@gmail.com

Agradecemos desde já a sua participação!

Q.E.F.M.C.; J. Brites & i. Esteves, 2015

1. Data da entrevista: ____/____/____
Ano Mês Dia

I- Caracterização Sócio Demográfica

1. Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐

2. Idade ____ anos.

3. Habilitações literárias

1º Ciclo ☐

Licenciatura ☐

2º Ciclo ☐

Mestrado ☐

3º Ciclo ☐

Doutoramento ☐

Secundário ☐

4. Situação Profissional

Empregado ☐

Reformado/Aposentado ☐

Desempregado ☐

Outro? Qual? _____ ☐

5. Qual a sua profissão actual? _____

6. Qual a sua nacionalidade? _____

7. Qual a sua etnia? _____

8. Qual a sua filiação religiosa?

Católica ☐

Protestante ☐

Judaica ☐

Muçulmana ☐

Nenhuma ☐

Outra ☐ ... Qual? _____

9. Se tiver filiação religiosa, qual a frequência com que assiste aos serviços religiosos? Assinale um número na escala abaixo. **Não responda se não tiver filiação religiosa.**

1	2	3	4	5	6	7
Raramente						Sempre

10. Qual o nível socio-económico em que foi educado a maior parte da sua vida (**assinale apenas uma opção**):

Classe Alta ☐ Classe Média-Alta ☐ Classe Média ☐ Classe Média-Baixa ☐
Classe Baixa ☐

11. Qual o seu nível socio-económico actual (**assinale apenas uma opção**):

Classe Alta ☐ Classe Média-Alta ☐ Classe Média ☐ Classe Média-Baixa ☐
Classe Baixa ☐

12. Tipo de relacionamento:

Casado(a) ☐ União de Facto ☐
Separado(a) ☐ Numa relação comprometida ☐
Divorciado(a) ☐ Em várias relações sem compromisso ☐
Viúvo(a) ☐

Duração do Relacionamento: _____

13. Quais são as pessoas que neste momento vivem consigo? **Assinale todos os que se aplicam.**

Vivo Só ☐
Cônjuge / Companheiro(a) ☐
Filhos ☐
Enteados ☐
Pais ☐
Mãe ☐
Pai ☐
Outro ☐ Quem? _____

14. Tem filhos? Não ☐ Sim ☐. Se Sim, quantos? _____

15. Em que tipo de área foi educado(a) a maior parte da sua vida (**assinale uma das opções**):

Rural ☐ Urbano ☐ Sub-Urbano ☐

16. Em que tipo de área vive actualmente (**assinale uma das opções**):

Rural ☐ Urbano ☐ Sub-Urbano ☐

II. História da Vitimação

Caso não tenha sido vítima de qualquer tipo de crime, seleccione na grelha abaixo a opção "Não" e avance para a pergunta 29 (Imagem 1).

17. Já Foi vítima de algum tipo de crime? **Assinale todos os que se aplicam**

- | | | | |
|--------------------------------|------------------------------|------------------------------|--------------------------------|
| a. Agressão Física..... | Não <input type="checkbox"/> | Sim <input type="checkbox"/> | Se Sim, há quanto tempo? _____ |
| b. Injúrias Verbais..... | Não <input type="checkbox"/> | Sim <input type="checkbox"/> | Se Sim, há quanto tempo? _____ |
| c. Sequestro..... | Não <input type="checkbox"/> | Sim <input type="checkbox"/> | Se Sim, há quanto tempo? _____ |
| d. Roubo..... | Não <input type="checkbox"/> | Sim <input type="checkbox"/> | Se Sim, há quanto tempo? _____ |
| e. Furto..... | Não <input type="checkbox"/> | Sim <input type="checkbox"/> | Se Sim, há quanto tempo? _____ |
| f. Burla..... | Não <input type="checkbox"/> | Sim <input type="checkbox"/> | Se Sim, há quanto tempo? _____ |
| g. Tentativa de Homicídio..... | Não <input type="checkbox"/> | Sim <input type="checkbox"/> | Se Sim, há quanto tempo? _____ |
| h. Abuso Sexual ou Violação.. | Não <input type="checkbox"/> | Sim <input type="checkbox"/> | Se Sim, há quanto tempo? _____ |
| i. Atropelamento e fuga..... | Não <input type="checkbox"/> | Sim <input type="checkbox"/> | Se Sim, há quanto tempo? _____ |
| j. Outro: Qual? _____ | | | Se Sim, há quanto tempo? _____ |

Se foi vítima de um crime e/ou, de mais do que um tipo de crime, pense agora naquele que lhe causou maior dano (físico, psicológico ou material).

18. Esse Crime ocorreu de...? Manhã ☐ Tarde ☐ Noite ☐

19. Descreva sucintamente o ocorrido?

20. Qual a frequência da ocorrência deste acto? **Assinale os que se aplicam.**

A. Episódio Único Não ☐ Sim ☐ Quando aconteceu? _____

B. Episódio Repetido.. Não ☐ Sim ☐ Quantas vezes ocorreu? _____

21. Avalie o grau de **violência física** na ocorrência desse crime?

1	2	3	4	5	6	7
Ausente						Extrema

22. Avalie o grau de **violência verbal** (ameaças, insultos) na ocorrência desse crime?

1	2	3	4	5	6	7
Ausente						Extrema

23. Avalie o grau de **ameaça de vida** na ocorrência desse crime?

1	2	3	4	5	6	7
Ausente						Extrema

24. Avalie a sua **sensação de controlo** durante o acontecimento?

1	2	3	4	5	6	7
Nenhuma Sensação de Controlo						Sensação de controlo Absoluto

25. Avalie a sua sensação de **falta de ajuda ou de impotência** durante o acontecimento?

1	2	3	4	5	6	7
Ausente						Extrema

26. Antes de ocorrer este crime, até que ponto se **sentia seguro**.

1	2	3	4	5	6	7
Bastante Seguro						Nada Seguro

27. A partir deste momento, tomou medidas de precaução?

Não ☐ Sim ☐

Se Sim, Quais? _____

III. História das Imagens

Por favor, responda às próximas questões baseando-se no local ilustrado:

Imagem 1

Considera este local atrativo? Não ☐ Sim ☐



Vê este local como um espaço (Assinale todos os que se aplicam):

- De confiança ☐
 Suspeito ☐
 Perigoso ☐
 Com boa Vizinhança ☐

Este local parece-lhe um espaço:

- Urbano ☐
 Rural ☐
 Periférico ☐

Imagine-se agora **SOZINHO** neste local. Diga-nos como se sentia e qual seria o seu comportamento ...

a)	Andaria mais rapidamente	1	2	3	4	5	6	Andaria de modo descontraído
b)	Sentir-me-ia Seguro	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia Inseguro
c)	Sentiria uma aceleração do batimento cardíaco	1	2	3	4	5	6	Sentiria um batimento cardíaco Normal
d)	Sentiria que poderia vir a ser vítima	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada me iria acontecer
e)	Se visse alguém neste local desviaria o percurso	1	2	3	4	5	6	Se visse alguém neste local manteria o mesmo percurso
f)	Tomaria algumas medidas preventivas	1	2	3	4	5	6	Não tomaria quaisquer medidas preventivas
g)	Recearia as pessoas que pudessem estar neste local	1	2	3	4	5	6	Independentemente das pessoas que aqui se encontrassem manter-me-ia tranquilo
h)	Iria sentir-me observado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que iria passar despercebido
i)	Sentiria que poderia ser facilmente assaltado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada de mal me iria acontecer
j)	Sentir-me-ia tranquilo	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia intimidado

Imagem 2



Considera este local atrativo? Não ☐ Sim ☐

Vê este local como um espaço (Assinale todos os que se aplicam):

De confiança ☐

Suspeito ☐

Perigoso ☐

Com boa Vizinhança ☐

Este local parece-lhe um espaço:

Urbano ☐

Rural ☐

Periférico ☐

Imagine-se agora **SOZINHO** neste local. Diga-nos como se sentia e qual seria o seu comportamento ...

a)	Andaria mais rapidamente	1	2	3	4	5	6	Andaria de modo descontraído
b)	Sentir-me-ia Seguro	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia Inseguro
c)	Sentiria uma aceleração do batimento cardíaco	1	2	3	4	5	6	Sentiria um batimento cardíaco Normal
d)	Sentiria que poderia vir a ser vítima	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada me iria acontecer
e)	Se visse alguém neste local desviaria o percurso	1	2	3	4	5	6	Se visse alguém neste local manteria o mesmo percurso
f)	Tomaria algumas medidas preventivas	1	2	3	4	5	6	Não tomaria quaisquer medidas preventivas
g)	Recearia as pessoas que pudessem estar neste local	1	2	3	4	5	6	Independentemente das pessoas que aqui se encontrassem manter-me-ia tranquilo
h)	Iria sentir-me observado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que iria passar despercebido
i)	Sentiria que poderia ser facilmente assaltado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada de mal me iria acontecer
j)	Sentir-me-ia tranquilo	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia intimidado

Imagem 3



Considera este local atrativo? Não ☐ Sim ☐

Vê este local como um espaço (Assinale todos os que se aplicam):

De confiança ☐

Suspeito ☐

Perigoso ☐

Com boa Vizinhança ☐

Este local parece-lhe um espaço:

Urbano ☐

Rural ☐

Periférico ☐

Imagine-se agora **SOZINHO** neste local. Diga-nos como se sentia e qual seria o seu comportamento ...

a)	Andaria mais rapidamente	1	2	3	4	5	6	Andaria de modo descontraído
b)	Sentir-me-ia Seguro	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia Inseguro
c)	Sentiria uma aceleração do batimento cardíaco	1	2	3	4	5	6	Sentiria um batimento cardíaco Normal
d)	Sentiria que poderia vir a ser vítima	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada me iria acontecer
e)	Se visse alguém neste local desviaria o percurso	1	2	3	4	5	6	Se visse alguém neste local manteria o mesmo percurso
f)	Tomaria algumas medidas preventivas	1	2	3	4	5	6	Não tomaria quaisquer medidas preventivas
g)	Recearia as pessoas que pudessem estar neste local	1	2	3	4	5	6	Independentemente das pessoas que aqui se encontrassem manter-me-ia tranquilo
h)	Iria sentir-me observado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que iria passar despercebido
i)	Sentiria que poderia ser facilmente assaltado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada de mal me iria acontecer
J)	Sentir-me-ia tranquilo	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia intimidado

Imagem 4



Considera este local atrativo? Não ☐ Sim ☐

Vê este local como um espaço (Assinale todos os que se aplicam):

De confiança ☐

Suspeito ☐

Perigoso ☐

Com boa Vizinhança ☐

Este local parece-lhe um espaço:

Urbano ☐

Rural ☐

Periférico ☐

Imagine-se agora SOZINHO neste local. Diga-nos como se sentia e qual seria o seu comportamento ...

a)	Andaria mais rapidamente	1	2	3	4	5	6	Andaria de modo descontraído
b)	Sentir-me-ia Seguro	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia Inseguro
c)	Sentiria uma aceleração do batimento cardíaco	1	2	3	4	5	6	Sentiria um batimento cardíaco Normal
d)	Sentiria que poderia vir a ser vítima	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada me iria acontecer
e)	Se visse alguém neste local desviaria o percurso	1	2	3	4	5	6	Se visse alguém neste local manteria o mesmo percurso
f)	Tomaria algumas medidas preventivas	1	2	3	4	5	6	Não tomaria quaisquer medidas preventivas
g)	Recearia as pessoas que pudessem estar neste local	1	2	3	4	5	6	Independentemente das pessoas que aqui se encontrassem manter-me-ia tranquilo
h)	Iria sentir-me observado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que iria passar despercebido
i)	Sentiria que poderia ser facilmente assaltado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada de mal me iria acontecer
J)	Sentir-me-ia tranquilo	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia intimidado

Imagem 5



Considera este local atrativo? Não ☐ Sim ☐

Vê este local como um espaço (Assinale todos os que se aplicam):

De confiança ☐
 Suspeito ☐
 Perigoso ☐
 Com boa Vizinhança ☐

Este local parece-lhe um espaço:

Urbano ☐
 Rural ☐
 Periférico ☐

Imagine-se agora **SOZINHO** neste local. Diga-nos como se sentia e qual seria o seu comportamento ...

a)	Andaria mais rapidamente	1	2	3	4	5	6	Andaria de modo descontraído
b)	Sentir-me-ia Seguro	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia Inseguro
c)	Sentiria uma aceleração do batimento cardíaco	1	2	3	4	5	6	Sentiria um batimento cardíaco Normal
d)	Sentiria que poderia vir a ser vítima	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada me iria acontecer
e)	Se visse alguém neste local desviaria o percurso	1	2	3	4	5	6	Se visse alguém neste local manteria o mesmo percurso
f)	Tomaria algumas medidas preventivas	1	2	3	4	5	6	Não tomaria quaisquer medidas preventivas
g)	Recearia as pessoas que pudessem estar neste local	1	2	3	4	5	6	Independendentemente das pessoas que aqui se encontrassem manter-me-ia tranquilo
h)	Iria sentir-me observado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que iria passar despercebido
i)	Sentiria que poderia ser facilmente assaltado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada de mal me iria acontecer
J)	Sentir-me-ia tranquilo	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia intimidado

Imagem 6



Considera este local atrativo? Não ☐ Sim ☐

Vê este local como um espaço (Assinale todos os que se aplicam):

De confiança ☐

Suspeito ☐

Perigoso ☐

Com boa Vizinhança ☐

Este local parece-lhe um espaço:

Urbano ☐

Rural ☐

Periférico ☐

Imagine-se agora SOZINHO neste local. Diga-nos como se sentia e qual seria o seu comportamento ...

a)	Andaria mais rapidamente	1	2	3	4	5	6	Andaria de modo descontraído
b)	Sentir-me-ia Seguro	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia Inseguro
c)	Sentiria uma aceleração do batimento cardíaco	1	2	3	4	5	6	Sentiria um batimento cardíaco Normal
d)	Sentiria que poderia vir a ser vítima	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada me iria acontecer
e)	Se visse alguém neste local desviaria o percurso	1	2	3	4	5	6	Se visse alguém neste local manteria o mesmo percurso
f)	Tomaria algumas medidas preventivas	1	2	3	4	5	6	Não tomaria quaisquer medidas preventivas
g)	Recearia as pessoas que pudessem estar neste local	1	2	3	4	5	6	Independentemente das pessoas que aqui se encontrassem manter-me-ia tranquilo
h)	Iria sentir-me observado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que iria passar despercebido
i)	Sentiria que poderia ser facilmente assaltado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada de mal me iria acontecer
J)	Sentir-me-ia tranquilo	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia intimidado

Imagem 7



Considera este local atrativo? Não ☐ Sim ☐

Vê este local como um espaço (Assinale todos os que se aplicam):

De confiança ☐

Suspeito ☐

Perigoso ☐

Com boa Vizinhança ☐

Este local parece-lhe um espaço:

Urbano ☐

Rural ☐

Periférico ☐

Imagine-se agora SOZINHO neste local. Diga-nos como se sentia e qual seria o seu comportamento ...

a)	Andaria mais rapidamente	1	2	3	4	5	6	Andaria de modo descontraído
b)	Sentir-me-ia Seguro	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia Inseguro
c)	Sentiria uma aceleração do batimento cardíaco	1	2	3	4	5	6	Sentiria um batimento cardíaco Normal
d)	Sentiria que poderia vir a ser vítima	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada me iria acontecer
e)	Se visse alguém neste local desviaria o percurso	1	2	3	4	5	6	Se visse alguém neste local manteria o mesmo percurso
f)	Tomaria algumas medidas preventivas	1	2	3	4	5	6	Não tomaria quaisquer medidas preventivas
g)	Recearia as pessoas que pudessem estar neste local	1	2	3	4	5	6	Independentemente das pessoas que aqui se encontrassem manter-me-ia tranquilo
h)	Iria sentir-me observado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que iria passar despercebido
i)	Sentiria que poderia ser facilmente assaltado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada de mal me iria acontecer
J)	Sentir-me-ia tranquilo	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia intimidado

Imagem 8



Considera este local atrativo? Não ☐ Sim ☐

Vê este local como um espaço (Assinale todos os que se aplicam):

De confiança ☐

Suspeito ☐

Perigoso ☐

Com boa Vizinhança ☐

Este local parece-lhe um espaço:

Urbano ☐

Rural ☐

Periférico ☐

Imagine-se agora SOZINHO neste local. Diga-nos como se sentia e qual seria o seu comportamento ...

a)	Andaria mais rapidamente	1	2	3	4	5	6	Andaria de modo descontraído
b)	Sentir-me-ia Seguro	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia Inseguro
c)	Sentiria uma aceleração do batimento cardíaco	1	2	3	4	5	6	Sentiria um batimento cardíaco Normal
d)	Sentiria que poderia vir a ser vítima	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada me iria acontecer
e)	Se visse alguém neste local desviaria o percurso	1	2	3	4	5	6	Se visse alguém neste local manteria o mesmo percurso
f)	Tomaria algumas medidas preventivas	1	2	3	4	5	6	Não tomaria quaisquer medidas preventivas
g)	Recearia as pessoas que pudessem estar neste local	1	2	3	4	5	6	Independentemente das pessoas que aqui se encontrassem manter-me-ia tranquilo
h)	Iria sentir-me observado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que iria passar despercebido
i)	Sentiria que poderia ser facilmente assaltado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada de mal me iria acontecer
J)	Sentir-me-ia tranquilo	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia intimidado

Imagem 9



Considera este local atrativo? Não ☐ Sim ☐

Vê este local como um espaço (Assinale todos os que se aplicam):

De confiança ☐

Suspeito ☐

Perigoso ☐

Com boa Vizinhança ☐

Este local parece-lhe um espaço:

Urbano ☐

Rural ☐

Periférico ☐

Imagine-se agora SOZINHO neste local. Diga-nos como se sentia e qual seria o seu comportamento ...

a)	Andaria mais rapidamente	1	2	3	4	5	6	Andaria de modo descontraído
b)	Sentir-me-ia Seguro	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia Inseguro
c)	Sentiria uma aceleração do batimento cardíaco	1	2	3	4	5	6	Sentiria um batimento cardíaco Normal
d)	Sentiria que poderia vir a ser vítima	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada me iria acontecer
e)	Se visse alguém neste local desviaria o percurso	1	2	3	4	5	6	Se visse alguém neste local manteria o mesmo percurso
f)	Tomaria algumas medidas preventivas	1	2	3	4	5	6	Não tomaria quaisquer medidas preventivas
g)	Recearia as pessoas que pudessem estar neste local	1	2	3	4	5	6	Independentemente das pessoas que aqui se encontrassem manter-me-ia tranquilo
h)	Iria sentir-me observado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que iria passar despercebido
i)	Sentiria que poderia ser facilmente assaltado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada de mal me iria acontecer
J)	Sentir-me-ia tranquilo	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia intimidado

Imagem 10



Considera este local atrativo? Não ☐ Sim ☐

Vê este local como um espaço (Assinale todos os que se aplicam):

De confiança ☐
 Suspeito ☐
 Perigoso ☐
 Com boa Vizinhança ☐

Este local parece-lhe um espaço:

Urbano ☐
 Rural ☐
 Periférico ☐

Imagine-se agora **SOZINHO** neste local. Diga-nos como se sentia e qual seria o seu comportamento ...

a)	Andaria mais rapidamente	1	2	3	4	5	6	Andaria de modo descontraído
b)	Sentir-me-ia Seguro	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia Inseguro
c)	Sentiria uma aceleração do batimento cardíaco	1	2	3	4	5	6	Sentiria um batimento cardíaco Normal
d)	Sentiria que poderia vir a ser vítima	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada me iria acontecer
e)	Se visse alguém neste local desviaria o percurso	1	2	3	4	5	6	Se visse alguém neste local manteria o mesmo percurso
f)	Tomaria algumas medidas preventivas	1	2	3	4	5	6	Não tomaria quaisquer medidas preventivas
g)	Recearia as pessoas que pudessem estar neste local	1	2	3	4	5	6	Independentemente das pessoas que aqui se encontrassem manter-me-ia tranquilo
h)	Iria sentir-me observado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que iria passar despercebido
i)	Sentiria que poderia ser facilmente assaltado	1	2	3	4	5	6	Sentiria que nada de mal me iria acontecer
J)	Sentir-me-ia tranquilo	1	2	3	4	5	6	Sentir-me-ia intimidado

IV. Índice de Medo do Crime

As afirmações que se seguem dizem respeito às reacções que se podem experienciar a uma situação de crime. Leia cada afirmação cuidadosamente e avalie a frequência da situação descrita na afirmação. Para cada uma das afirmações responda colocando uma (X) em cima do número da opção que considere mais adequada. Responda a todas as questões utilizando a seguinte escala:

0 – Nunca ou quase nunca	1- Às vezes	2- Quase sempre	3 - Sempre
Por favor, não deixe nenhuma afirmação por responder:			
1. O meu coração bate mais rápido quando passo em locais pouco iluminados	0..	1..	2 .. 3
2. Se não conheço uma pessoa a primeira coisa que penso dela é que pode querer fazer-me mal	0..	1..	2 .. 3
3. Sentir-me-ia mais seguro se na maioria dos transportes públicos viajasse um polícia fardado	0..	1..	2 .. 3
4. Tenho medo de perder o controlo ou enlouquecer se for vítima de um crime violento (e.g., sequestro ou violação)	0..	1..	2 .. 3
5. Quando me desloco sozinho na rua, sinto medo quando passo por alguém que não conheço.....	0..	1..	2 .. 3
6. Sinto-me mais seguro, se em locais que não conheço estiverem forças policiais a patrulharem a zona	0..	1..	2 .. 3
7. Tenho náuseas ou mal estar abdominal, ao pensar que alguém da minha família pode ser vítima de um crime violento	0..	1..	2 .. 3
8. Sinto medo quando passo na rua por pessoas <i>sem abrigo</i>	0..	1..	2 .. 3
9. Gostaria que a minha casa tivesse um sistema de segurança por considerar que é um “alvo” fácil para a ocorrência de crimes	0..	1..	2 .. 3
10. O meu coração “dispara” quando tenho de passar em locais desconhecidos.....	0..	1..	2 .. 3
11. Fico assustado quando vejo um grupo de jovens, porque penso que estes podem querer fazer-me mal	0..	1..	2 .. 3
12. Se me desloco a uma caixa Multibanco sozinho receio que possa ser assaltado	0..	1..	2 .. 3
13. Tenho medo de perder o controlo ou enlouquecer se for vítima de roubo ou furto	0..	1..	2 .. 3
14. Já vi agredir uma pessoa mas como tive medo não fiz queixa nem me dei como testemunha	0..	1..	2 .. 3
15. Se me encontro numa fila de trânsito ou quando viajo em transportes públicos, preocupo-me por pensar que posso ser vítima de um assalto ou de roubo	0..	1..	2 .. 3
16. Sinto-me desconfortável (por exemplo: dores no peito, sensação de “sufoco”) quando estou em locais pouco frequentados	0..	1..	2 .. 3
17. Preocupo-me se estou em lugares que não conheço.....	0..	1..	2 .. 3
18. Evito deslocar-me a determinados lugares quando penso que as hipóteses de acontecer um crime são elevadas.....	0..	1..	2 .. 3
19. O meu batimento cardíaco é mais rápido se penso que posso vir a ser vítima de um crime...	0..	1..	2 .. 3
20. Preocupo-me se alguém me aborda quando me desloco a pé sozinho	0..	1..	2 .. 3
21. Suspeito dos grupos de jovens que andam durante a noite por pensar que podem ser violentos	0..	1..	2 .. 3
22. No dia a dia, sinto palpitações (por exemplo: ritmo cardíaco acelerado) quando penso que alguém me pode fazer mal	0..	1..	2 .. 3
23. Preocupo-me se entro num elevador com pessoas que não conheço	0..	1..	2 .. 3
24. Já tive tanto medo que me fizessem mal, que evito estar sozinho em determinado lugar ou com pessoas que não conheço bem	0..	1..	2 .. 3

OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO!